

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

RAYNARA GABRIELA MACAU DA SILVA

**MARIA MADALENA: EMPODERAMENTO E CONFLITO NAS
COMUNIDADES CRISTÃS DOS SÉCULOS I E II D. C**

São Luís

2018

RAYNARA GABRIELA MACAU DA SILVA

**MARIA MADALENA: EMPODERAMENTO E CONFLITO NAS
COMUNIDADES CRISTÃS DOS SÉCULOS I E II D. C**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão,
como requisito para obtenção de grau de
licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúvia
Bomfim Vieira

São Luís

2018

Silva, Raynara Gabriela Macau da.

Maria Madalena: empoderamento e conflito nas comunidades cristãs dos séculos I e II d.C / Raynara Gabriela Macau da Silva. – São Luís, 2018.

93f.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Profa. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira

RAYNARA GABRIELA MACAU DA SILVA

**MARIA MADALENA: EMPODERAMENTO E CONFLITO NAS
COMUNIDADES CRISTÃS DOS SÉCULOS I E II D. C**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão, como
requisito para obtenção de grau de
licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Livia Bomfim
Vieira

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira
(Orientadora)**

1º Examinador

2º Examinador

A todas as mulheres que lutam pela igualdade de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu a oportunidade de está finalizando mais uma etapa importantíssima da minha vida, pela sua infinita graça através da minha vida e principalmente por acreditar em mim.

Agradeço também aos meus pais que me deram apoio e suporte em todo o meu período acadêmico, sempre batalharam e deram o melhor de si para que eu pudesse está em uma universidade pública. Sempre me apoiaram na decisão de fazer história.

Agradeço a minha irmã Raiany, que mesmo na sua insegurança em achar que talvez eu não conseguiria concluir este trabalho, me apoiou e me incentivou. Sua ajuda foi indispensável durante essa etapa, agradeço pela consultoria que recebi. Também, agradeço meu cunhado Gustavo, que sempre me cobrava e me lembrava do prazo de entrega. Agradeço também a minha irmã Rayna, que me ensinou a estudar com muito barulho e ouvindo várias séries do Netflix.

Queria agradecer a minha orientadora Ana Livia, por aceitar em orientar esta pesquisa, por acreditar no meu potencial como aluna. Agradeço todos os conselhos durante a graduação, todos foram muito válidos para o fim dessa etapa.

Agradeço também a professora Milena, que durante 2 semestres me ajudou com os seus conhecimentos teóricos e metodológicos, tive um enorme amadurecimento intelectual em suas aulas, me sentia desafia em mergulhar em Teoria da História que nas suas aulas sempre parecia muito fácil, com seus exemplos bem práticos. Agradeço a todos os meus professores que contribuíram para a concretização desse trabalho.

Também agradeço ao professor Leonardo Chevitaese (UFRJ) que no ano de 2015 no 5º Evento de Antiga e Medieval, me propôs a pesquisar sobre a construção da imagem de prostituta arrependida de Maria Madalena. Também agradeço a Daniel Justi (LHER/UFRJ) que contribuiu para a pesquisa e a busca de fontes históricas através da internet.

Agradeço também a todos os meus colegas que me deram força e motivação para concluir mais uma etapa tão importante da minha vida. Agradeço ao grupo de pesquisa Mnemosyne, principalmente William Braga que me ajudou na concretização desse trabalho, obrigada pelos conselhos acadêmicos que contribuíram para pesquisa. Helenice e Thalysson, que sempre me deram força e me ajudaram a enfrentar as dificuldades que a academia nos traz.

Agradeço também à FAPEMA, pelo incentivo de dois anos desta pesquisa.

Por fim, mas não menos importante. Queria dedicar esse espaço para agradecer ao meu compromissado Neto Nascimento, por me apoiar em todas as decisões da minha vida, pelo incentivo e por acreditar em mim.

Obrigada a todos!

Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. Gálatas 3:28

RESUMO

Maria Madalena é conhecida até hoje como uma mulher que se arrependeu de uma vida de pecado e prostituição. Essa imagem de prostituta arrependida se deu graças aos conflitos em torno das comunidades cristãs que tinham visões opostas acerca do papel da mulher dentro da comunidade. Esses conflitos dos Regimes de Gênero entre as comunidades primitivas foram se tornando mais intensos ao passo que o cristianismo se oficializava e junto com essa oficialização, configurava-se um triunfo do Cristianismo patriarcal, logo, o ministério feminino foi sendo sufocado e deslegitimado, ao ponto do Papa Gregório I quando acusa Maria Madalena como pecadora arrependida, deslegitimando o seu apostolado e a sua liderança. Este trabalho tem como objetivo discutir o empoderamento feminino e os motivos do seu enfraquecimento analisando os conflitos entre os Regimes de Gênero entre as comunidades cristãs do século I e II d. C com ênfase nos estudos de caso sobre as representações de Maria Madalena que ao longo do tempo foi sendo estigmatizada junto com a liderança feminina.

Palavras-chave: Gênero, Conflito, Cristianismos.

ABSTRACT

Mary Magdalene is known to this day as a woman who has repented of a life of sin and prostitution. This repentant prostitute image was due to conflicts around Christian communities that had opposing views about the role of women within the community. These conflicts of the Gender Regimes between the primitive communities became more intense as Christianity became official and along with this formalization it was a triumph of patriarchal Christianity, so the female ministry was suffocated and delegitimized to the point of Pope Gregory I when he accuses Mary Magdalene as a repentant sinner, delegitimizing his apostolate and his leadership. This work aims to discuss the feminist empowerment and the reasons for its weakening by analyzing the conflicts between the Gender Regimes between the Christian communities of the first and second century AD. C with emphasis on the case studies on the representations of Mary Magdalene that over time was stigmatized along with the female leadership.

Keywords: Gender, Conflict, Christianity.

LISTA DE SIGLAS

1Cor - Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios.

2Cor - Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios.

1 Pe - Primeira Epístola de Pedro.

1 Tm - Primeira Epístola de Paulo a Timóteo.

At - Atos dos Apóstolos.

Gl - Epístola de Paulo aos Gálatas.

Jo - Evangelho de João.

Lc - Evangelho de Lucas.

Mc - Evangelho de Marcos.

Mt - Evangelho de Mateus.

Rm - Epístola de Paulo aos Romanos.

Tt - Epístola de Paulo a Tito.

Lv - Levítico.

Gn - Gênesis.

Pv - Provérbios.

Dt - Deuteronômio.

Ev de Tomé - Evangelho de Tomé.

Ef - Epístola de Paulo aos Efésios.

Ev de Felipe - Evangelho de Felipe.

Ev de Maria Madalena - Evangelho de Maria Madalena.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. PONTO DE PARTIDA: O MEDITERRÂNEO	16
Quadro 1: Comparação entre os documentos.	19
1.1 Os Evangelhos: algumas observações.	21
Quadro 2: Comparação entre os elementos textuais de Lucas e Mateus.	23
Esquema 1: A construção dos evangelhos.	24
Imagem 1: Mulheres partindo o pão, século III d. C.	28
2. UM LUGAR SOCIAL DE HOMENS E MULHERES	33
Esquema 2: Interação entre os Regimes de Gênero.	38
2.1 As mulheres na cultura hebraica.	39
2.2 O papel das mulheres nas comunidades cristãs primitivas.	45
3. MARIA MADALENA: DE APÓSTOLA À PROSTITUTA	53
3.1 A importância dos evangelhos gnósticos para a pesquisa.	59
3.2 Afinal, quem eram os gnósticos?	63
3.3 Maria Madalena nos evangelhos gnósticos: uma contradição do cânon bíblico	68
3.4 O que os textos canônicos têm a dizer sobre Maria Madalena? ..	73
3.5 Pedro X Madalena: cristianismo ortodoxo contra o cristianismo gnóstico.	78
Imagem 2: Paulo e Tecla do século VI d. C.	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

Para afastar as mulheres do sacerdócio e da hierarquia eclesiástica, algumas Igrejas Evangélicas e principalmente a Igreja Católica, argumentam que Jesus tinha apenas discípulos do sexo masculino, logo, as autoridades eclesiásticas nada poderiam fazer para mudar, pois, Jesus designou apenas os homens como dignos de pregar e ensinar.

No ano de 1977, o Papa Paulo VI disse a seguinte frase: “As mulheres são excluídas do clero porque Nosso Senhor Jesus era homem” (GANGE 2007, p. 15). Uma justificativa sem “fundamentos consistentes” para a exclusão das mulheres nas esferas eclesiásticas.

A exclusão da mulher nesses espaços é um discurso atual, com o principal questionamento de qual o motivo a mulher não poderia exercer dentro das Igrejas. Essa discursão ganhou força graças aos movimentos feministas que lutam pela igualdade de gênero na sociedade.

As conquistas femininas na sociedade refletiram também dentro dos ambientes religiosos, dando origem a uma Teologia Feminista. No Brasil e na América Latina como um todo surge na década de 70 e 80, conectada com uma Teologia Feminista do Novo Mundo, porém com suas peculiaridades socioculturais (FURLIN, 2011). O termo a ser utilizado deve ser Teologias Feministas, pois existem vários desdobramentos e não apenas se resumem ao cristianismo.

Mesmo com as discussões de direitos igualitários na sociedade, ainda sim existe denominações religiosas que ainda não reconhecem as mulheres com iguais. Ainda existem Igrejas que negam a participação feminina, com o discurso que não existiam mulheres nas lideranças eclesiásticas.

O objetivo da pesquisa é justamente desconstruir a ideia de uma inexistência feminina nas lideranças cristãs na antiguidade, como também, compreender a construção dessa ideia, que tem início na antiguidade e se consolida na Idade Média e tem os seus reflexos na contemporaneidade.

Também é de interesse da pesquisa analisar as diferentes representações de Maria Madalena nas comunidades cristãs primitivas e qual o impacto que cada representação causava dentro desses grupos cristãos. Temos também como objetivo, analisar a construção de uma imagem de prostituta arrependida e a sua ligação com as disputas de poder entre essas comunidades cristãs.

Também, tentamos demonstrar a pluralidade do cristianismo na antiguidade e suas mais variadas manifestações culturais. Como também analisar vários outros documentos produzidos por outras comunidades para expor os outros lados quase que desconhecidos do cristianismo.

A pesquisa é uma tentativa de discussão sobre o cristianismo longe de uma perspectiva religiosa (confessional), colocando o tema no centro de uma discussão historiográfica e política.

1. PONTO DE PARTIDA: O MEDITERRÂNEO

Quando pensamos na Antiguidade logo nos vem à mente o Mar Mediterrâneo, pois é quase impossível dissociar um do outro. O mar Mediterrâneo foi de extrema importância para o contato cultural, político e econômico dos povos que habitavam próximo à região.

O Mediterrâneo foi palco de vários acontecimentos históricos como por exemplo a expansão do imperialismo grego e romano, as campanhas de Alexandre o Grande, novas culturas foram surgindo através de contatos com outros povos, tornando assim, o mediterrâneo um caldeirão de culturas.

Em meio a esse “mar de culturas” surgem religiões, entre elas, o cristianismo. Que preferimos chamar de Cristianismos, pois entendemos que ao longo da disseminação e da expansão do cristianismo houve contato com outras culturas deixando de ser uma experiência religiosa singular, tornando-se plural com uma infinidade de variações.

Por cristianismos, afirma-se que uma dada experiência religiosa é sempre plural, com a sua base formativa sendo ampla demais para caber em categorias como certo e errado, ortodoxo e heterodoxo. O reducionismo de uma experiência religiosa, seja ela qual for, costuma produzir um tipo de análise “histórica” bastante previsível, com seus resultados parciais e militantes. (CHEVITARESE, 2011, p. 9).

Essa imensidão de pensamentos e culturas, contribuiu para várias construções de modelos sociais, como também, os papéis de gênero, que cada espaço social construiu culturalmente, recebendo interferências de outros grupos sociais.

A pesquisa apresentada, tenta discutir como essa imensidão de culturas e a pluralidade de ideias no cristianismo contribuiu para a exclusão do ministério feminino, e conseqüentemente a deturpação da imagem de Maria Madalena.

O Mediterrâneo é palco dessas disputas e não podemos desconsiderar a relevância de outras culturas na construção das comunidades cristãs a partir do século I.

Mesmo em suas origens, o cristianismo nunca foi singular. Ainda nas primeiras gerações de discípulos, houve uma multiplicidade de sentidos

(polissemia) daquilo que Jesus disse e do que ele não disse. A cultura de um grupo determinado de cristão (comunidades cristãs), era de extrema importância para explicar a polissemia. (CHEVITARESE, p. 9 2011).

O movimento cristão surgiu no século I d. C. Um grupo de camponeses que tinham como liderança Jesus Cristo. Inicialmente, não era de interesses dos primeiros cristãos se separarem do judaísmo. Jesus era judeu assim como os seus discípulos, o que inicialmente esse movimento fosse visto como uma seita do judaísmo, algo muito comum nesse período. Um exemplo, são os essênios, que eram um grupo de judeus que se isolavam para mostrar resistência ao Império Romano que dominava a palestina na época.

Mesmo no início do movimento, existia uma certa heterogeneidade. Inicialmente o grupo era composto pelos “doze” e por mais alguns que acompanhavam a Jesus. Com a morte de Jesus e a expansão do movimento, começam a intensificar diferentes visões do que deveria ser feito e o que não deveria fazer. Para exemplificar, aqui se encontra uma citação do livro de Atos.

Então alguns que tinham descido da Judéia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes, segundo o rito de Moisés, não podeis ser salvos. Tendo Paulo e Barnabé contenda e não pequena discussão com eles, os irmãos resolveram que Paulo e Barnabé e mais alguns dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e aos anciãos, por causa desta questão. Mas alguns da seita dos fariseus, que tinham crido, levantaram-se dizendo que era necessário circuncidá-los e mandar-lhes observar a lei de Moisés. Congregaram-se, pois os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto. E, havendo grande discussão, levantou-se Pedro e disse-lhes: Irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho e cressem. E Deus, que conhece os corações, testemunhou a favor deles, dando-lhes o Espírito Santo, assim como a nós; e não fez distinção alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? Mas cremos que somos salvos pela graça do Senhor Jesus, do mesmo modo que eles também (At 15, 1-11)

Ao analisarmos essas passagens, percebemos que há uma discussão dentro do grupo devido ao cristianismo se expandir para os “gentios” (os não judeus). Nesse caso a discussão central é referente ao que os gentios deveriam ou não seguir, se era necessário seguir a lei dos judeus ou não. Os que eram da seita dos Fariseus defendiam a ideia que era necessário eles seguirem a Lei que

foi imposta aos judeus. Já Barnabé, Pedro e Paulo, acharam desnecessário que os gentios adotassem a Lei.

Com esse trecho podemos perceber a pluralidade de ideias e a heterogeneidade do movimento cristão, é por isso que adotaremos aqui o conceito de cristianismos, pois era um movimento plural e não singular (CHEVITARESE, 2011).

Com a expansão desse movimento, os cristãos começaram a se organizar por comunidades, que na maioria das vezes eram distantes umas das outras¹, o que provocava uma pluralidade de entendimento acerca do que Jesus disse, tornando assim uma comunidade distinta da outra.

Os evangelhos canônicos são a manifestação do que é importante para cada comunidade e o pensamento acerca dos ensinamentos de Jesus. É importante lembrar que cada evangelista tinha um interesse na mensagem que estava escrevendo sobre os ensinamentos de Jesus, existia também um interesse de quem recebia essas informações dos evangelhos. Lembrando que cada evangelho é diferente do outro, eles não se completam, são distintos entre si, representando as características de cada comunidade.

Devemos entender que essas comunidades cristãs estavam inseridas em contextos diferentes e em geografias diferentes, o que possibilitou esse sincretismo e essa pluralidade de ideias. Outro fato que é de extrema importância é que esses “cristãos” não estão isolados de outras culturas, mas em um meio onde há trocas constantes culturais.

Ainda existem poucas abordagens históricas sobre o cristianismo, esse tema ainda é predominantemente no campo da teologia, no Brasil, o tema ganhou força com a publicação do livro cristianismos questões e debates metodológicos do professor da UFRJ André Leonardo Chevitaese. um grande referencial nos estudos clássicos. Inicialmente um Helenista começou a dialogar com os movimentos cristãos primitivos, e até então, hoje é um dos pesquisadores de referência nos estudos de cristianismo primitivo no Brasil, sua

¹ A distância entre as comunidades, contribuía mais ainda para a heterogeneidade dos pensamentos. O que dificultava a disseminação das doutrinas. Logo, cada comunidade tinha dificuldade em manter uma unidade de pensamentos.

principal perspectiva é a história comparada, para ele o mediterrâneo é um caldeirão de culturas que dialogam de forma intensa e fluída.

Existe um diálogo entre as culturas mediterrânicas e elas não podem ser analisadas de forma isolada e sim comparando com outras culturas, que se aproximam. As narrativas bíblicas não são construídas por uma comunidade apenas, mas sim, através dos fatores internos e externos que influenciam a escrita.

Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. (1 Cor 12:12)

Percebemos que a mensagem sobre a unidade comparando a igreja com muitos membros. Vemos algo semelhante nos escritos de Dionísio de Halicarnaso.

Uma Polis se assemelha em alguma medida um corpo humano. Porque cada um deles é composto e consiste de muitas partes; e nenhuma de suas partes têm a mesma função ou desempenha o mesmo serviço que as outras. Se estas partes do corpo humano forem dotadas, cada uma delas por si, de percepção e voz própria, uma discursão surgirá entre elas... Assim também (é uma pólis) ela é composta de muitas classes de pessoas não se parecem umas com as outras. Cada uma delas contribui para algum serviço específico para o bem comum, tal como os membros do corpo humano. Alguns cultivam os campos, outros lutam contra os inimigos e defesa daqueles Campos, outros atuam de forma o último comércio marítimo, e ainda aqueles que lidam com atividades artesanais. (AR 6;86:1-2, 4-5 apud CHEVITARESE, 2011 p. 18)

Quadro 1: Comparação entre os documentos.

Paulo	Dionísio	Alguns elementos podem até ser diferente, mas a mensagem que é passada em ambos os casos é a mesma. (União, importância de
Um corpo=Igreja	Um corpo=Polis	
Várias funções	Várias funções e diferentes classes	
Todos são cooperadores no corpo de Cristo (Ekklesia)	Todos contribuem para a polis.	

		cada setor para o bom funcionamento tanto da polis como da Ekklesia
--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor

É possível perceber que os trechos podem mudar alguns elementos, mas o núcleo e o objetivo da mensagem é mesmo (CHEVITARESE, 2011). Então o que dizer? Que a Bíblia é uma compilação de vários mitos e historietas? De modo algum, o que existia era um sentimento de pertencimento a essas narrativas, uma cultura compartilhada. Por isso, é de extrema importância nos estudos referentes à antiguidade analisar essas culturas, entendendo que elas dialogam entre si, as sociedades antigas mesclaram-se, por isso não podemos analisa-las de formas isoladas.

Os autores Ana Carolina Caldeira e André Barroso (2009), em um artigo intitulado: *Religiões Comparadas: produções originais ou interações culturais?* Buscam desconstruir a ideia extremamente comum no ocidente cristão, de olhar o cristianismo como algo puro e original, sendo ele a base para as outras experiências religiosas. Com isso, o senso comum “acaba dando uma idade e ao cristianismo muito maior do que ele realmente possui”, fazendo pensar assim que o cristianismo é a base de todas as religiões, no sentido de outras culturas se inspirarem nele.

A intenção não é de desqualificar relatos, mas de demonstrar uma dinâmica do cristianismo primitivo com outras culturas. Sabemos que onde as culturas se encontram é formada uma nova realidade, elas não permanecem iguais como antes. Conseqüentemente, o cristianismo não pode ser algo puro e imutável.

Também, não podemos deixar de pensar que o cristianismo nasce dentro do contexto da cultura hebraica. O cristianismo, nasce como uma “seita” do judaísmo e por muito tempo foi apenas reduzida ao mesmo. Além desse contexto, sabemos que os Hebreus, por muito tempo, estiveram sob o jugo de vários impérios. O Império Romano, não foi o primeiro a dominar os Hebreus.

Segundo Crossan, “*Essa terra estava sobre o domínio imperial pagão desde o século VI a. C*” (CROSSAN, p. 22 2004).

1.1 Os Evangelhos: algumas observações.

Existe um diálogo entre as culturas mediterrânicas e elas não podem ser analisadas de forma isolada e sim comparando com outras culturas, que se aproximam. As narrativas bíblicas não são construídas por uma comunidade apenas, mas sim, através dos fatores internos e externos que interferem na escrita. Consequentemente, os documentos que se referem ao cristianismo estão imersos nesse caldeirão de culturas, que o historiador precisa estar atento para analisá-los sem ter “conclusões arbitrárias”. Grande parte dos estudiosos na área, costumam apresentar análises tendenciosas, “pegam apenas as fontes históricas que lhes convém, perdendo tempo com uma pilhagem textual”. (CROSSAN, Jhon Dominic p. 27, 1994) Manipulado assim, as fontes históricas com o intuito de chegar ao objetivo estabelecido.

Para a abordagem desses documentos, é necessário entender primeiramente, contexto do local e do período, nesse caso século I e II d. C, quando se tem contato primeiramente com as obras publicadas antes do documento, começamos a perceber algumas características sobre esses documentos, como por exemplo.

- 1) Eles foram produzidos muito tempo depois da morte de Cristo. O livro de Marcos o mais antigo entre os Evangelhos foi escrito entre as décadas de 60 e 70. Algumas comunidades, acreditavam em uma escatologia para um tempo próximo, por isso, não viam, de início, a necessidade de uma escrita dos ditos de Jesus. Os ensinamentos que estavam centrados em torno do *querigma*² eram passados através da oralidade. (CROSSAN, p. 25, 2004)
- 2) Os Evangelhos são distintos entre eles, eles não se completam, diferente do que nos foi ensinado. Os Evangelhos são

² Querigma tem a sua origem do verbo grego *KERYSSO*, que significa anunciar, proclamar ou até mesmo mensagem.

independentes entre si, eles representam um conjunto de ideias dentro das comunidades.

- 3) Não sabemos os autores dos Evangelhos, eles são anônimos. Não há certeza de quem pode tê-los escritos.³ Possivelmente, não foram escritos apenas por uma pessoa, mas por uma comunidade, que tinha a necessidade de reafirmar os seus ensinamentos como “verdadeiros” através dos ditos e não ditos de Jesus.
- 4) Cada evangelista procura adaptar os ditos de Jesus de acordo com os seus interesses, o contexto, a finalidade e os destinatários que irá alcançar. Isso inclui os papéis de gênero dentro das comunidades.

Como então explicar, a semelhança entre Mateus, Marcos e Lucas? Como já foi mencionado, as comunidades primeiramente, não viam a necessidade em registrar os ditos sobre Jesus. Só após a década de 60 e 70 é que os evangelhos começam serem escritos. Sendo uma data um pouco tardia pois Jesus viveu entre as décadas de 20 e 30 d. C.

Existe alguns pressupostos, teorias, que tentam explicar essa similaridade, entre os três evangelhos sinóticos. O Primeiro pressuposto que os biblistas argumentam é que esses evangelhos, tiveram uma “*matriz oral comum*”. Ou seja, essas narrativas eram compartilhadas entre as comunidades antes de serem registradas nos evangelhos. Explicando por um lado, a semelhança entre as fontes.

Ainda assim, ainda existe outra teoria, conhecida como teoria das duas fontes. Essa teoria, tenta explicar a semelhança entre os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas, são semelhantes, porém não são iguais). A Teoria sugere que Mateus e Lucas, tiveram o livro de Marcos como fonte, devido a sua anterioridade aos demais evangelhos. Por isso, é possível notar algumas semelhanças.

³ As tradições atribuem Mateus, Marcos, Lucas e João como autores dos evangelhos, mas não há nada que comprove a autoria deles.

Quadro 2: Comparação entre os elementos textuais de Lucas e Mateus.

Mt 3,7-10	Lc 3,7-9
<p>Como visse muitos fariseus e saduceus que vinham ao batismo, disse-lhes: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzir, então, fruto digno de arrependimento e não penseis que basta dizer: “Temos por pai a Abraão”. Pois eu vos digo que mesmo destas pedras Deus suscitar filhos de Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não produzir fruto será cortada e lançada ao fogo”</p>	<p>Ele dizia às multidões que vinham para ser batizadas por ele: “Raça de víboras! Quem vos ensinou a fuga da ira que está para vir? Produzir, então, frutos dignos do arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: “Temos por pai a Abraão”. Pois eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo.”</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

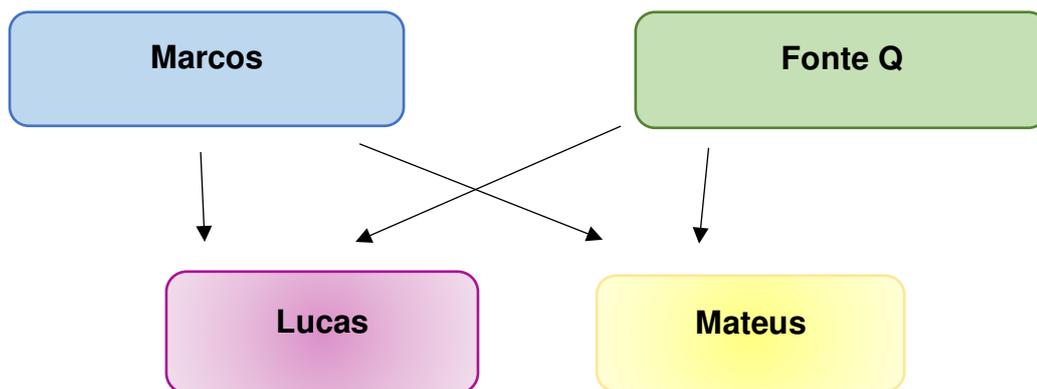
Acima, temos duas passagens, uma do livro de Mateus e a outra do livro de Lucas. São passagens muito parecidas, o que nos leva pensar que Lucas e Mateus retiraram essa narrativa da mesma fonte. No livro de Marcos, que é uma fonte para esses dois evangelhos, não aparece essa narrativa.

Mas como então, explicar os elementos que aparecem em Mateus e Lucas, mas não em Marcos?

Essas diferenças, fizeram os biblistas concluir que os autores de Mateus e Lucas tiveram outro evangelho como fonte, além do livro de Marcos. Os estudiosos chamaram essa fonte hipotética⁴ de fonte Q, uma abreviatura da palavra *quelle*, que do alemão significa fonte. (CROSSAN, p. 177. 2002).

⁴ A fonte Q é uma fonte hipotética, uma teoria para explicar as semelhanças do livro de Mateus e Lucas que não aparecem em Marcos. Ainda não foram achados nenhum vestígio documental da fonte Q. (CROSSAN, 2004)

Esquema 1: A construção dos evangelhos.



Fonte: Elaborado pelo autor

Por muito tempo, os estudiosos acreditavam que a fonte Q era uma matriz oral, até que o estudioso Burnett Hillmon, formulou a hipótese do evangelho Q ser uma fonte escrita. A fonte ainda é contestada por vários estudiosos, pois, nunca foi encontrado um manuscrito do documento e nem citado por outras fontes, nem mesmo os pais da Igreja⁵ (CROSSA, 2004).

Fomos acostumados a ler os 4 Evangelhos, na vertical, um livro após o outro, a impressão que o leitor tem é uma noção de unidade, continuidade, harmonia e fluidez. Um historiador que pesquisa sobre o tema precisa lê-los de forma horizontal, comparando-os e entendendo que Mateus, não é a continuação de Marcos e que Lucas não é a continuação de João. Cada evangelho representa a voz de uma comunidade, os evangelistas, escolheram passagens e até certo modo, contaram de “forma modificada”, para encaixá-las na doutrina de cada grupo cristão.

Temos aqui a Oração do Pai Nosso, onde Jesus ensina os seus discípulos a orar:

7Nas vossas orações não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que

⁵. Os Pais da Igreja ou Pais Apostólicos, eram líderes religiosos que tinham a responsabilidade de guardar a fé. Um dos maiores papéis dos pais da Igreja, foi “combater a heresia”, (como se apenas existisse uma vertente cristã correta) visto que, a partir do século II o cristianismo começa a seguir padrões da cultura romana e os pais apostólicos combatiam toda e qualquer doutrina diferente da que eles seguiam. (ALEXANDRINA, 2008)

serão ouvidos. 8 Não sejais como eles, porque vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedires. 9 Portanto, orai desta maneira: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu Nome, 10 venha o teu Reino, seja feita a tua vontade na terra como no céu. 11 O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. 12 E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores. 13 E não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno. (Mt 6: 7-13)

Em Lucas 11:1-4

1 Estando em um certo lugar, orando, ao terminar, um de seus discípulos pediu-lhe: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”. 2 Respondeu-lhes: “Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu Nome; venha o teu Reino; 3 o pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia; 4 perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores; e não deixes cair na tentação” (Lc 11:1-4)

Ao lermos os evangelhos de forma vertical, temos a sensação de que o que está em Lucas é apenas um complemento de Mateus, ou até mesmo uma reafirmação do que foi citado no primeiro evangelho. Fomos ensinados a pensar e a ler os evangelhos como se fossem apenas um só, organizado em volumes. Mas quando o historiador sai da sua zona de conforto, ele é desafiado a romper com todo o tradicionalismo que nos é ensinado.

Quando colocamos esses dois textos na horizontal (comparando), percebemos que: (A) a comunidade que escreveu o livro de Mateus, dá importância muito mais a oração que a comunidade que escreveu o evangelho de Lucas. Antes do capítulo 6, o autor dedica bastante tempo para convencer o leitor sobre a importância da oração, muito mais do que o autor do livro de Lucas, que não se preocupa tanto como o autor de Mateus. (B) Existe outra preocupação no livro de Mateus que não temos no livro de Lucas, que é a preocupação de não orarem como os gentios, de não utilizarem “vãs repetições”. (C) A oração do pai nosso aparece em contexto diferente em cada evangelho, no primeiro, Jesus está exortando os seus discípulos e estimulando-os a orar e até mesmo os corrigindo de como seria a forma correta. No segundo contexto, Os discípulos e Jesus estão reunidos orando, após Jesus encerrar, os seus discípulos o pedem para que eles os ensinem a como orar.

Com esses dois versículos analisados e lidos de forma horizontais, conseguimos perceber essas diferenças que passavam despercebidas. Cada

evangelho representa a voz de uma comunidade e cada grupo tinha um pensamento distinto do outro.

Diante disso, podemos perceber a complexidade da escrita e formação dos evangelhos. Os autores, escolheram suas fontes, para a formação de um documento que iria circular dentro da comunidade, além da tradição oral que os rodeavam.

Como em qualquer outra pesquisa histórica, aquilo que dá direção ao historiador são as fontes. As fontes não se resumem apenas a documentos escritos, por muito tempo a história se limitou a apenas documentos textuais de caráter político e religioso. Após o movimento dos *Annales*, a ideia do que pode ser fonte histórica ou não foi se redirecionando. Desse modo, culturas que “não tinham história” por não deixarem vestígios escritos, puderam ter a sua história contada.

Na antiguidade, a quantidade de documentos escritos, comparados a outros tempos históricos são menores, além do mais, esses documentos antigos são produzidos por uma pequena parcela da população que tinham acesso a escrita. Isso quer dizer que esses documentos são de caráter elitistas e masculino, em sua maioria. O que nos dá uma visão bem limitada do que era essas sociedades antigas.

A importância da fonte material, como a iconografia é de não silenciar alguns agentes da história que por algum fator não puderam deixar as suas marcas escritas. Para Fábio Vergara Cerqueira (2017), as imagens não apenas se enquadram em uma figuração artística, como também o principal meio de comunicação. Através dessa fonte é possível analisar uma cultura popular, que muitas vezes não são descritas em fontes escritas.

A documentação textual em sua maioria foi escrita pela elite, mesmo que seja um pouco exagerado classifica-los como elitistas, não se pode negar que as letras sempre tiveram presentes em ambientes refinados.

As imagens que são produzidas em afrescos, catacumbas ou até mesmo esculpidas, são produzidas por artesãos que na sua maioria são de origem simples, que podem (ou não) está longe do ambiente refinado. Porém, mesmo se o artesão estiver em um ambiente mais refinado, ele vai estar conectado a um imaginário popular.

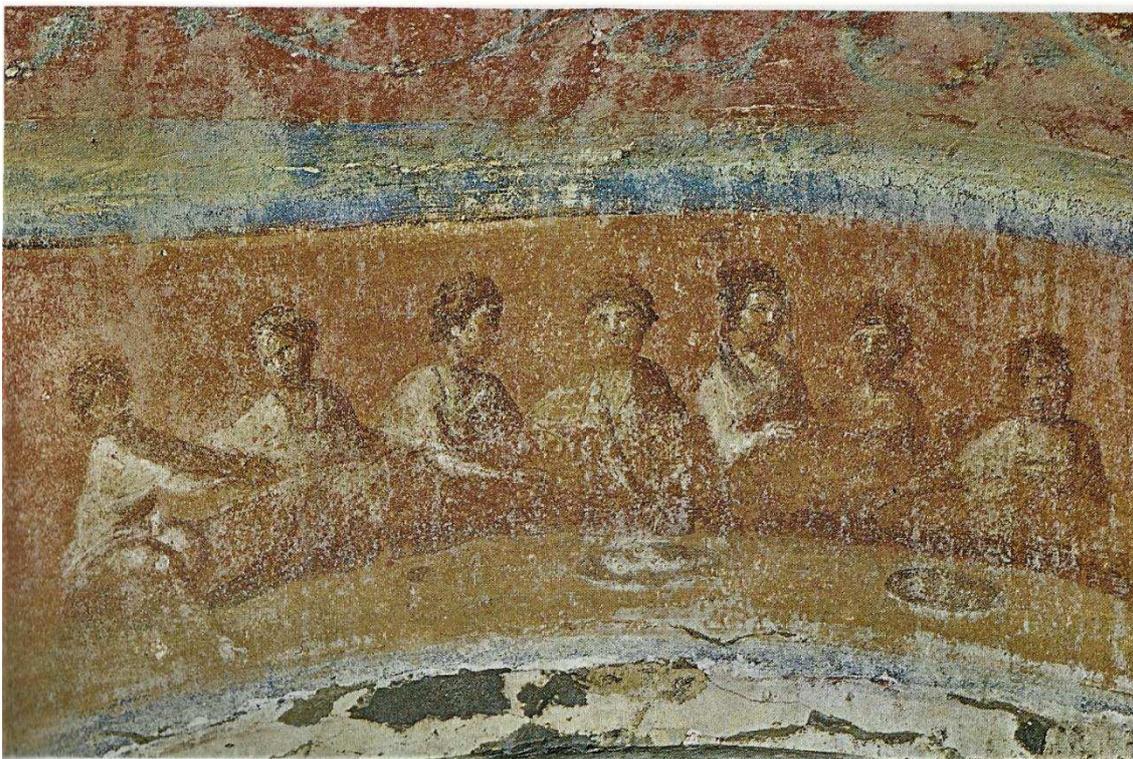
Para Cerqueira (2017), isso não quer dizer que essas tradições (elitista e popular) estão distante entre si, mas ora estão interligadas ora estão em divergência

Tomando como exemplo os vasos gregos, a iconografia tinha um papel fundamental na educação de jovens cidadãos, uma maneira didática de transferir toda a uma tradição grega. Muitos na Grécia Antiga, não tiveram a oportunidade de ler obras como *Ilíada e Odisséia* que eram fundamentais para a educação de um cidadão, mas tinham acesso a essas mesmas narrativas através de vasos que circulavam por todo o mediterrâneo.

Nós, homens e mulheres do século 21 somos analfabetos visuais, não vemos uma imagem grega de um vaso, como um homem do século IV a. C, ou não vemos imagens deixadas nas catacumbas cristãs como os cristãos do século I e II. Essas imagens precisam ser vistas como um todo, existe um conjunto de signos que nenhum pode ser ignorado, cada signo possui a sua própria lógica.

Diante disso, a iconografia é de extrema importância para os estudos do cristianismo primitivo, no qual, podemos tentar interpretar a visão de algumas comunidades cristãs que não deixaram vestígios escritos. Principalmente, as representações femininas, que são extremamente escassas na documentação textual e que na maioria das vezes, foram escritas por homens.

É através da iconografia que podemos também perceber a manifestações de algumas práticas cristãs que muitas das vezes divergiam com a documentação textual e até mesmo a ausência dessas práticas na documentação textual.

Imagem 1: Mulheres partindo o pão, século III d. C.

Fonte: <http://www.romeanditaly.com/pt-br/package/catacumbas-de-priscila/>. Acesso em 05/06/2018

Podemos perceber na imagem 1, um ritual muito comum nas comunidades cristãs, que é de partir o pão no momento da eucaristia (Santa Ceia). Na imagem 1, percebemos que uma mulher parte o pão. Pelo corte de cabelo e pelas vestimentas, podemos perceber a maior parte dos que estão sentados à mesa participando da Santa Ceia são mulheres.

Essa imagem foi encontrada na Catacumba de Priscila, datada por volta do século III d. C. É importante destacar, a imagem mostra uma resistência das mulheres em relação as comunidades que condenavam o seu envolvimento eclesiástico. A imagem do século III d. C nos mostra que o envolvimento feminino dentro de alguns grupos cristãos ainda era cultivado e tão importante ao ponto de ser registrado. Mesmo que as divergências de ideias entre as comunidades sobre o papel que a mulher deveria exercer (e se deveria exercer algum papel) provocassem conflitos e conseqüentemente uma perseguição a esse movimento dentro do cristianismo.

Buscamos na presente pesquisa não apenas analisar fontes intracanonicas como também documentação extracanonica (apócrifos). Com o objetivo de olhar o cristianismo com outra percepção, não apenas como os evangelhos “populares”, mas também os documentos que foram esquecidos e excluídos do cânon bíblico.

Os textos apócrifos são importantes para a pesquisa, pois nos dão uma imagem de Maria Madalena e do papel feminino dentro de algumas comunidades cristãs diferente do cânon bíblico, visto que, no cânon bíblico, Maria Madalena é mencionada apenas 12 vezes. As narrativas na qual ela mais se destaca nesses textos, são as narrativas da crucificação e ressurreição.

Um dos nossos objetivos durante o trabalho é mostrar a pluralidade do cristianismo primitivo, a imensidão de pensamentos dentro das comunidades. Devido essa diferença de pensamentos entre uma comunidade e outra acabavam que, as comunidades entrassem em conflito entre si e até mesmo, entrando em conflito com os próprios padrões da sociedade que estavam inseridas.

Estava ele em uma cidade, quando apareceu um homem cheio de lepra. Vendo Jesus, caiu com o rosto por terra e suplicou-lhe: “Senhor, se queres, tens poder para purificar-me”. Ele estendeu a mão e, tocando-o, disse: “Eu quero. Sê purificado!” E imediatamente a lepra o deixou. E ordenou que ninguém o dissesse: Vai, porém, mostra-te ao sacerdote, e oferece por tu purificação conforme prescreveu Moisés, para que lhe sirva de prova”. (Lc 5: 12-14)

Ao lermos esses versículos, talvez, não notaremos nada de anormal. Porém, precisamos entender que os escritos bíblicos, não foram escritos para nós, homens e mulheres do século XIX, mas sim para uma sociedade do período no qual foram escritos, no caso século I e II d. C. Por isso faz-se necessário o historiador ter um conhecimento prévio de quem escreveu a fonte e a sociedade no qual ele está inserido, como também para quem está sendo escrita essa fonte.

Para os Judeus, era inadmissível, pessoas que eram portadoras de lepra⁶ se aproximarem de pessoas sãs. A lepra era vista como um castigo divino (Lv 14:34) e conseqüentemente a pessoa portadora da doença se tornava impura e

⁶ O conceito de lepra na antiguidade, era diferente do que nós temos hoje. A lepra poderia ser vários problemas de pele.

eram isolados da sociedade, ou melhor, a sociedade o excluía (Lv 14:34). Os judeus acreditavam que, a pessoa se tornava leprosa por transgredir a lei divina (Lv cp 13 e 14).

Quando analisamos esses versículos, percebemos que; o que é descrito, vai de confronto com a realidade cultural. O autor do evangelho, provavelmente, tinha o interesse de demonstrar dentro da comunidade que Jesus estava interessado também naqueles que são esquecidos e rejeitados pela sociedade.

Temos outro exemplo onde vemos o evangelho de João legitimar, através de um relato, a participação feminina dentro da comunidade:

Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber! Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento. Diz-lhe, então, a samaritana: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” ... Naquele Instante, chegaram seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher; nenhum deles, porém, lhe perguntou: “Que procuras?” ou: “Que falas com ela?” A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade dizendo a todos: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo? Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro. (Jo 4: 7-9, 27-30).

Um homem não poderia trocar palavras em público com uma mulher, apenas se essa mulher fosse sua irmã ou sua esposa (MORO-CAMARGO, Fernanda p. 38, 2004). Mas na passagem de João 4, vemos que Jesus conversava com a mulher samaritana⁷e ela descobre que Jesus é o messias e anuncia a todos de sua cidade quem era Jesus.

O primeiro ponto que precisamos analisar é que a comunidade joanina era uma comunidade com uma intensa participação feminina. O evangelho de Lucas é o livro onde há mais passagens que mencionam a presença feminina, porém o evangelho de João traz não apenas citações dessas presenças femininas, mas dá um lugar de fala a elas, se destacando entre os outros evangelhos.

⁷ Os judeus tinham conflitos com os samaritanos. Os samaritanos eram judeus que acabaram se mesclando com outras culturas. Para eles, os samaritanos “distorciam” as escrituras.

Esse lugar de fala que essa comunidade permite a essas mulheres entra em conflito, tanto com outras comunidades, que tinham Pedro como modelo de líder patriarcal, como também com a cultura e os padrões do século I e II.

É importante lembrar que não existia apenas uma vertente do cristianismo, existiam várias comunidades que disputavam entre si qual ensinamento era “certo” ou qual ensinamento era “errado”. Vejamos um exemplo: “Houve, contudo, também falsos profetas, no seio do povo, como haverá entre vós falsos mestres, os quais trarão heresias perniciosas, negando o Senhor que os resgatou e trazendo sobre si repentina destruição.” I Pe 2: 1

Podemos notar também em 1 Timóteo 6:2-4

Eis o que debes ensinar e recomendar. Se alguém ensinar outra doutrina e não concorda com as palavras do nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina conforme a piedade, é porque é cego e nada entende, é doente à procura de controvérsias e discussões de palavras. 1 Tm 6: 2-4

É bem visível na documentação, uma disputa entre as comunidades devido ao teor dos ensinamentos. Podemos perceber a necessidade dessas comunidades de reafirmar e legitimar os seus ensinamentos, e ao mesmo tempo deslegitimar as outras doutrinas.

Podemos perceber que essa disputa irá se intensificar entre os séculos II e III, principalmente, quando o cristianismo é oficializado como a religião oficial do Império Romano. Quando o cristianismo é oficializado, precisamos compreender que foi apenas uma versão a ser adotada como oficial, negando todas as outras que tinham divergências de ideias.

As comunidades que tinham mulheres como referência foram perseguidas e estigmatizadas. As comunidades gnósticas possuíam pensamentos distintos do pensamento do cristianismo patriarcal e ortodoxo. Homens e mulheres tinham os mesmos valores perante o grupo e ambos poderiam exercer as mesmas funções, sem distinções de gênero.

Isso de certa forma, feria os interesses do cristianismo patriarcal, que em resposta a essas doutrinas gnósticas, passaram a perseguir as comunidades gnósticas, marginalizando as doutrinas e principalmente estigmatizando principais figuras dentro do gnosticismo.

Uma das principais figuras dentro do gnosticismo foi a figura de Maria Madalena, que para essa comunidade era considerada como uma “gnóstica completa”. Atacar a figura de Madalena, era atacar o gnosticismo. O que contribuiu para a construção da imagem de uma prostituta arrependida.

As inúmeras manifestações do cristianismo primitivo e conseqüentemente, a disputa entre as comunidades, contribuiu de certa forma para que, os lugares das mulheres dentro da comunidade fossem negados e a figura de Madalena fosse deturpada.

2. UM LUGAR SOCIAL DE HOMENS E MULHERES

Uma das maiores críticas de Jesus, foi sem dúvida, as desigualdades sociais. Seu interesse, não era fundar uma nova religião, mas sim, criticar paradigmas e o tradicionalismo no qual o judaísmo estava mergulhado. Alguns autores, como Elizabeth Fiorenza, acreditam que Jesus não fundou o cristianismo, mas sim iniciou um movimento de renovação no judaísmo (FIORENZA, E. Schiessler, 1989 p. 145).

Segundo a autora, o cristianismo só irá nascer quando há o movimento missionário, deixando assim de ter não apenas judeus, mas também os gentios. Propondo assim, uma visão religiosa alternativa e prática, visto que, os novos membros da comunidade que eram gentis não eram obrigados a seguirem a Lei dos judeus.

Esse movimento de renovação iniciado por Jesus, permitia que pessoas de classe sociais mais baixas tivessem acesso aos ensinamentos religiosos, assim como das classes sociais mais altas. Crianças entre 6 anos começavam seus estudos religiosos nas sinagogas. Com 10 anos, essas crianças já tinham a *Torah* memorizada. Após esse período, apenas os melhores alunos eram selecionados para a próxima etapa de aprendizagem conhecida como *Beit Talmud*. A partir dos 14 anos, já eram iniciados na tradição oral da sabedoria dos rabinos, eram discutidas as principais interpretações da Lei de Moisés. Apenas os homens eram submetidos a esses ensinamentos.

Lembrando, que esse ciclo estava presente apenas na classe dominante. A classe dominante tinha a necessidade de domar os ensinamentos e as interpretações da Lei para perpetuarem as suas convicções.

O domínio das escrituras significava o domínio do que poderia ser ensinado ou não e como deveria ser ensinado e a quem deveria. Significava também a perpetuação da classe social.

Algo semelhante aconteceu no período da Idade Média. Sabemos que poucos tinham contato com as escrituras. Isso fazia com que a Igreja pudesse ensinar doutrinas como a das indulgências, do purgatório e proibir as mulheres de exercerem um ministério, como uma vontade e designação divina.

Essa visão de igualdade promovida através dos ensinamentos de Jesus, atraía pessoas que estavam a margem da sociedade, como por exemplo: pescadores, cobradores de impostos, ladrões, leprosos como também as mulheres. Dentre essas mulheres, estava Maria Madalena, que é de extrema importância para a pesquisa, pois, através dessa personagem é que estamos analisando o papel feminino dentro das comunidades cristãs do I e II século.

Essa nova perspectiva apresentada por Jesus permitia que homens e mulheres pudessem ser ensinados em um *discipulado de iguais* (FIORENZA, E. Schiessler, 1989 p. 139). E não somente ser ensinados, como também ensinar.

Claro que essa abrangência de Jesus a respeito de qualquer um poder ser ensinado e ensinar gerou vários conflitos dentro da sociedade patriarcal dominante, que não tinha o interesse de compartilhar o lugar de conhecimento dentro da religião.

Não podemos desassociar as mulheres do cristianismo primitivo. Visto que, as mesmas tiveram papéis importantes dentro das comunidades que atuavam. Reconstruir a história de um cristianismo sem a presença dessas mulheres é contribuir para a perpetuação de um cristianismo puramente masculino.

Sabemos que não podemos entender os evangelhos como a transcrição exatas das experiências de Jesus e que os relatos experimentaram um processo teológico de redação que incluía os resultados de um profundo estudo das tradições, ou seja, cada comunidade redigia conforme o seu interesse (FIORENZA, E. Schiessler, 1989 p.142).

Sendo assim, os autores dos evangelhos não estavam tão interessados em manter os textos orais primitivos, mas sim, na transmissão, a sua capacidade persuasiva e de interpretação. Por isso, antes de partirmos para uma abordagem da mulher dentro das comunidades cristãs, é necessário identificar estruturas patriarcais do judaísmo como também, as estruturas Greco-Romanas.

Segundo Elizabeth Fiorenza (1989) para a interpretação dos textos do judaísmo e do cristianismo que fazem referência a mulher, são necessárias algumas regras metodológicas. Ela menciona quatro pontos cruciais que o

pesquisador deve estar atendo no momento de análise das fontes no cristianismo e judaísmo que fazem referência à mulher.

Primeiro, *os textos judeus como cristãos, devem ser vistos como textos androcêntricos*. Esses textos são resultado da expressão masculina sobre a mulher. Isso significa dizer que esses textos não representam uma expressão feminina e muito menos a realidade histórica das mulheres.

Segundo *a glorificação ou mesmo que a denigração ou até a marginalização nesses textos, devem ser compreendidos como uma construção social da realidade em termos patriarcais como proteção da realidade masculina*. As representações femininas nesses textos fazem parte de uma construção social patriarcal, como também para a manutenção do mesmo. Era necessário legitimar a superioridade masculina como vontade divina através desses textos.

Terceiro, *os cânones formais da Lei patriarcal são geralmente mais retritivas que a interação e a relação real das mulheres e homens com a realidade social regulada pelos cânones*. Os cânones não são a imagem do real na sociedade judaica. Geralmente, os textos irão passar um modelo de mulher ideal a ser seguido como está descrito em 31:10-31

E por fim, *o verdadeiro status sócio-religiosos das mulheres deve ser determinado por o grupo de sua autonomia econômica e sua função social mais que por declarações ideológicas ou prescritivas*. São os grupos dominantes que irão determinar o lugar os papéis, a função e o dever da mulher dentro da sociedade.

O método proposto para a leitura dos documentos que apresentam representações femininas, vem de uma reflexão iniciado por um movimento social que se desenvolveu na metade do século XX, o de luta pela igualdade entre homens e mulheres (SEBILLOTTE, 2011)

Inicialmente, foi aplicado nas universidades norte-americanas nos cursos de ciências sociais marcado pela interdisciplinaridade. A academia tomou consciência de que a maioria dos documentos de abordagens históricas apenas preveem um ponto de vista específico da sociedade. Ou seja, os documentos refletem a voz da classe dominante.

Nessa pesquisa, usaremos o gênero como análise. Propomos uma história mista e não apenas história das mulheres (SEBILLOTTE, 2011). Pois entendemos que para se compreender o feminino, precisamos inserir o contexto social e cultural e isso inclui os homens. Precisamos inserir o contexto social e cultural para que possamos entender o lugar feminino no cristianismo e o lugar de Maria Madalena . Essa abordagem nem sempre é simples, visto que, a maioria dos documentos nos oferecem acessos mais fáceis para a classe dominante. Cabe ao historiador, recusar essas conclusões ditames das classes dominantes, pois elas não são o reflexo do real.

A diferença do sexo é uma interpretação social e cultural das diferenças entre os corpos de homens e mulheres (SEBILLOTTE, 2011 p). Essas diferenças entre os papéis femininos e papéis masculinos dentro das sociedades, são construções e sociais e não naturais. (SCHMITT, PANTEL, 2009 p. 41).

Segundo Simone de Beauvoir (1949), citada por Violaine Sebillotte, (2011 p. 20) “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Para a autora, existe uma construção coletiva da sociedade (e não natural e nem essência) combinando, mitos ideologias e preceitos.

Da mesma forma que a “mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher” o homem também não nasce homem, mas torna-se homem. Assim como as mulheres, os papéis masculinos são construídos, sendo resultados de um processo social que envolve atribuições de características com bases nos órgãos genitais (SEBILLOTTE, 2011).

Utilizaremos um conceito essencial para a pesquisa, que é o conceito dos Regimes de Gênero. Esse conceito foi criado pela autora francesa Violaine Sebillotte, uma historiadora que discute sobre gênero na antiguidade⁸. A antiguidade, devido a falta de um profundo estudo, em alguns casos costuma ser generalizada. O senso comum acaba entendendo que aquilo que se aplica a

⁸ É importante frisar, que é de extrema importância para a pesquisa utilizar autores que abordam gênero na antiguidade, pois trabalhamos com conceitos e categorias diferentes da atualidade, além do mais, a maioria das sociedades antigas eram sociedades masculinas e não só machistas.

uma sociedade se aplica em outra, ou que os costumes, cultura e religião eram os mesmos pra toda as sociedades antigas, salvo em alguns poucos aspectos.

Os Regimes de Gênero são a construção de uma sociedade para os papéis femininos e masculinos dentro da mesma. Em uma sociedade existe o Regime de Gênero dominante, que está ligado na maioria das vezes a classe dominante economicamente (BOURDIEU, Pierre, 2002). Mesmo que exista um regime de gênero dominante, pode existir vários outros, podendo até mesmo entrar em conflito.

Os ensinamentos de Jesus promoveram a construção de um novo Regime de Gênero onde a mulher teria uma relação de igualdade perante os homens. Ela poderia receber ensinamento e ensinar, algo que não era comum na sociedade judaica. O que entrava em conflito com o regime de gênero dominante, no qual, a mulher não deveria ser ensinada sobre a Lei e tampouco ensinar. As representações de Maria Madalena, estavam conectadas a essas construções de gênero dos grupos sociais, o que variavam de forma positiva e negativa.

Esquema 2: Interação entre os Regimes de Gênero.

Podemos perceber na imagem acima, que os regimes de gênero interferem entre si. Tomamos como pressuposto que os Regimes de Gênero são a construção social e cultural da sociedade, logo, ele não é puro, mas sofre interações com outras culturas ao longo dos séculos.

Pierre Bourdieu também será essencial para compreender como se manifesta essa dominação masculina nas comunidades cristãs do século I e II d. C, apesar de seu objeto não ser este. Segundo Bourdieu, essa diferenciação se dá primeiramente através dos corpos dos homens e das mulheres, a diferença biológica dos sexos acaba se tornando “uma justificativa natural da diferença

social construída entre os gêneros, principalmente da divisão social do trabalho”. (BOURDIEU, Pierre, 2002)

Essa construção foi se perpetuando e deixando as mulheres de lado na sociedade, vista apenas, principalmente na antiguidade como alguém para servir para obedecer e principalmente para gerar filhos. Isso influenciou em diversos meios da sociedade principalmente as comunidades cristãs dos primeiros séculos da nossa era, em que no princípio do movimento cristão existia uma participação das mulheres em relação a pregar o evangelho. Maria Madalena, era uma das principais líderes desse movimento assim como os 12 apóstolos de Jesus. Ao longo dos séculos a sua imagem como um dos principais líderes se reduziu a imagem de uma prostituta que até nos dias de hoje a conhecemos como “a prostituta arrependida”.

2.1 As mulheres na cultura hebraica.

O papel da Mulher dentro do judaísmo variou segundo o contexto histórico, social, político e religioso dessa sociedade. É necessário analisar o contexto histórico para compreender como se desenvolveu o papel feminino dentro dos grupos sociais do cristianismo. Também é importante destacar que as interferências tiveram um papel fundamental para direcionar o papel da mulher.

No Antigo Testamento, percebemos uma certa demonização do que é feminino e uma exaltação do masculino. O Deus bíblico se revela como homem, chefe guerreiro, ele não é mulher e não encarna nada de feminino (GANGE. Françoise, p. 15 2007)

Em vários momentos, percebemos o Deus bíblico comparando o povo de Israel com uma prostituta, ou até mesmo uma esposa infiel. No livro de Oséias, Javé aparece sob o ângulo do "supermacho" ridicularizado que busca castigar sua fêmea leviana e negligente, grande tema que forneceu o horizonte erótico predileto de toda a literatura patriarcal dos dois últimos milênios (GANGE Françoise, p. 16, 2007).

Para o autor Sérgio Feldman, os regimes de gênero dentro do judaísmo foram se modificando através das interações culturais entre o primeiro templo⁹ e a queda do segundo templo¹⁰. Para ele, a destruição do Primeiro Templo foi vista para os hebreus como um castigo divino para um povo infiel a Lei e ao Pacto. (FELDMAN, Sérgio Alberto p. 261, 2007).

Esse castigo deveria então servir de lição e o povo cumprir com os mandamentos e a Lei. Consequentemente, surgem novas Leis como também as mais antigas passam a ser adotadas com mais rigor.

As mulheres são cada vez mais afastadas do meio social e das práticas consideradas sagradas, visto que, a mulher permanecia impura quase que metade de cada mês por conta do período menstrual.

Isso servirá de pretexto, em nossa compreensão, para a exclusão das mulheres dos estudos e da vida pública civil e religiosa. Pode-se perceber que a questão da pureza e da impureza tende a criar certos mecanismos de controle e de exclusão da mulher da religião, do estudo e da vida pública. Algumas fontes concordam com essa visão, já outras a contradizem. Evidentemente há a necessidade de se analisar mais a fundo esta hipótese e refletir sobre essa conclusão parcial de estudos. (FELDMAN, Sérgio Alberto, p.262, 2007).

As mulheres permaneciam separadas durante o período menstrual e o período de purificação do mesmo, o que para alguns autores, se tornou um mecanismo de controle e exclusão social da mulher.

O papel da mulher estava restrito ao particular, como cuidar da casa e da educação dos filhos, enquanto que os homens eram responsáveis pela provisão dos mantimentos e da educação espiritual dos filhos, porém, apenas os filhos homens eram ensinados a lerem a Torá. *Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste mulher.* (Talmud de Babilônia - Tratado "Menachot" 43 B apud FELDMAN 2007, p 261).

Essa oração em agradecimento é recitada diariamente pelos judeus. O período no qual foi escrita, foi um período de crise aguda após a destruição do Segundo Templo em Jerusalém, cerca de 70 d. C. Momento no qual o

⁹ Período do 1º Templo (933-586 a. C)

¹⁰ Período do 2º Templo (70 d. C)

cristianismo está em expansão. A autoria é atribuída a Rav Meir. Essa oração matinal de forma indiretamente, compara as mulheres a escravos e a idolatras.

Segundo o rabino contemporâneo Joel H. Kahan(1999 p.122), citado por Sandra Kochmann (2005 p. 36) essa bênção se originou do dito helênico popular, citado por Platão e Sócrates, que diz: Há três bênçãos para agradecer o destino: A primeira - que nasci ser humano e não animal; A segunda - que nasci homem e não mulher; A terceira - que nasci grego e não bárbaro.

Podemos perceber a influência da cultura grega na cultura hebraica, o que interfere nas construções dos regimes de gênero. O regime de gênero dominante da cultura hebraica antes do Segundo Templo não é o mesmo após a queda do mesmo. Eles variam segundo o tempo e o espaço.

Uma das narrativas mais antigas que faz referência a uma mulher a cultura hebraica está inserida no livro de Gênesis, no mito da criação. Onde narra a criação primeiramente do homem e depois da mulher.

“Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão.”
(Gênesis 2; 22-21)

Em Gênesis 2 temos a narrativa de que a mulher foi criada a partir da costela de Adão. Quando analisamos essa passagem, percebemos que: (a) o homem foi criado antes da mulher (primogênito), (b) a costela de Adão foi a matéria prima da mulher.

Na cultura judaica o filho primogênito, principalmente se fosse do sexo masculino, era o filho “preferido”, o que os davam uma posição de evidências em relação aos outros filhos. O filho primogênito tinha certos privilégios, que era conhecido por “direito de primogenitura”. Entre esses privilégios estavam: a porção dobrada na herança e o direito de se tornar o chefe da família na morte de seu pai. Vale lembrar que o direito de primogenitura, era algo restrito ao gênero masculino, como por exemplo, nas narrativas de Lea e Raquel, não menção nenhuma do direito de primogenitura, assim como as filhas de Ló.¹¹

¹¹ Lea e Raquel Gn 29:26, as filhas de Ló Gn 19: 30-38.

Era necessário para a manutenção do patriarcado, construir uma narrativa onde o homem é o primogênito. O homem foi a semente para que a mulher existisse, o que nos mostra a ideia de dependência da mulher com o homem, além de uma noção de pertencimento.

Existe outra versão do mito da criação¹², onde a mulher não foi criada da costela do homem, mas também da “mesma matéria prima”. Deus criou o homem e a mulher simultaneamente, Adão foi criado do pó da terra, Lilith foi criada de sujeiras e sedimentos. Lilith argumentava constantemente o porquê da submissão e se recusava e se submissa a Adão, principalmente nas relações sexuais onde a posição era inferior, pois foram criados da mesma forma. Segundo a narrativa Lilith se rebelou e fugiu do jardim. Três anjos foram resgatá-la, mas, se recusou em ir sendo assim, foi amaldiçoada, tornando-se mães dos demônios, sendo condenada a gerar todos os dias 100 demônios. Logo depois, Deus teria criado, Eva para reparar o erro, formando a mulher da costela do homem. (SCHMITT, Gustavo, p. 454, 2016)

O mito de Lilith nada mais é do que a demonstração dos medos de uma sociedade patriarcal, onde a mulher não pode questionar sobre a razão da submissão ao homem. Partindo do pressuposto de que o mito é uma narrativa que tem um objetivo a ser alcançado, como por exemplo construir modelos sociais, ensinar o que é certo e o que é errado dentro do contexto social de cada indivíduo. Analisamos que um dos motivos do mito de Lilith ter se mantido na tradição judaica, foi devido ao ensinamento às mulheres de como se portarem diante aos seus maridos. A mulher que não se submete ao marido é castigada e amaldiçoada, pois a submissão é uma vontade divina. Mas também era uma lembrança ao homens, que deveriam manter suas mulheres sob controle, pois existe, nelas, uma insubmissão potencialmente perigosa.

Em provérbios 31 temos o modelo de mulher ideal dentro da cultura judaica:

¹² A narrativa que conhecemos hoje que está escrita no livro de Gênesis, foi preservada na torá judaica pelos sacerdotes. Mas a narrativa da criação que contém Lilith como a primeira mulher de Adão, foi preservada através da oralidade e de comentários bíblicos feitos por rabinos.

*Importante não confundir: Sacerdotes, com rabinos. Os sacerdotes eram responsáveis pelos sacrifícios, cuidar do tabernáculo e guardarem o livro da Lei. Já os rabinos, eram responsáveis por ensinarem as leis e sabedorias da cultura.

Antes de clarear o dia ela se levanta, prepara comida para todos os de casa, e dá tarefas as suas servas. Administra bem o seu comércio lucrativo, e a sua lâmpada fica acesa durante a noite. Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar à preguiça. Acolhe os necessitados e estende as mãos aos pobres. Não receia a neve por seus familiares, pois todos eles vestem agasalhos. (Provérbios 31).

A mulher ideal era aquela que não dava lugar a preguiça, que era uma boa administradora do lar e dos seus negócios, que praticava filantropia e que cuidava do bem-estar do marido e dos filhos. Nessas passagens não vemos nenhuma menção da mulher em um lugar de evidências. A sua missão cuidar dos filhos e do marido.

Esse modelo de mulher ideal, é um modelo patriarcal das classes dominantes. Podemos perceber nesses versículos, que mesmo se tratando de uma sociedade masculina, a mulher ideal poderia administrar o comércio de sua família e ela é louvada por isso. O livro de provérbios foi escrito por volta de 900 a. C. Foi escrito antes das campanhas de Alexandre o grande e o período da helenização, por volta de 330 a. C

Na cultura grega, as mulheres eram vistas como incapazes de administrar os seus bens e da sua família. Quando uma moça jovem por volta dos 16 anos de idade estava prestes a se casar, o seu pai concedia o dote ao seu marido, que poderia ser uma propriedade. Essa propriedade seria administrada pelo marido, em casos de divórcio, se a esposa fosse culpada pela separação, como em casos de traição, a esposa voltava para casa do seu pai sem a devolução do dote. Em casos que as mulheres tivessem direito dentro do divórcio, o dote era devolvido ao pai da moça, mas nunca a mulher poderia administra-lo.

Essas culturas, se influenciaram entre si através dos séculos. A cultura grega teve um enorme contato com outras culturas no período da helenização, no qual Alexandre o grande conquistou boa parte da Ásia e nordeste da África. Devido a isso, novos regimes de gêneros foram construídos nessas sociedades, o que modificou os papéis femininos dessas sociedades, principalmente da sociedade hebreia.

A esposa não poderia abandonar o marido. Apenas o homem poderia se desfazer de sua esposa.

Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela encontrar coisa indecente, far-lhe-á uma carta de repúdio, e lha dará na sua mão, e a despedirá da sua casa. Deuteronômio 24:1

Podemos perceber que a mulher não tem direito a nenhuma iniciativa de divórcio, apenas vemos a expressão “se não achar graça em seus olhos”, dando a entender que esse é um direito exclusivo masculino.

A poligamia era aceita e era visto como um símbolo de poder, e riqueza. Mesmo que nas narrativas de gênesis é defendido a ideia da monogamia. Na maioria dos casos, a poligamia era algo quase que particular da classe dominante, assim como o concubinato.

Sabemos que mesmo os homens tentando controlar as mulheres, fazendo o possível para afasta-las da vida no âmbito público, mesmo assim elas conseguiram subverter a ordem masculina dessa sociedade.

Um exemplo claro de mulheres que tiveram um papel de grande importância, foi Débora. Débora foi uma profetisa e Juíza¹³ que liderou Israel em uma batalha, contra o rei de Canã. Israel sob o seu comando atacou e conquistou Canã, sendo umas das mais importantes batalhas para o povo Hebreu. Também temos o exemplo da profetisa Hulda (II Reis 22; 14), Miriam, irmã de Moisés (Êxodo 20:21).

Essas narrativas, permaneceram presentes em todos os períodos da história dos hebreus. Entendemos que no período onde o cristianismo nasce essas narrativas estão presentes, influenciando a sociedade de diversos períodos a ter uma visão do feminino e do masculino.

O Regime de Gênero da região da Galiléia, era extremamente influenciado por narrativas como a da profetisa Débora (MORO, Fernanda 2005), o que permitia as mulheres daquela região terem mais autonomia do que da região da Judéia, onde a elite de Israel se encontrava, e onde existia uma maior influência da narrativa de Gênesis e os modelos de mulher ideal.

¹³ Antes dos Reis, Israel era governada por juízes, que eram líderes, espirituais, políticos e militares.

2.2O papel das mulheres nas comunidades cristãs primitivas.

A Igreja Católica, para negar o acesso das mulheres ao sacerdócio, argumentava que os discípulos de Jesus eram homens e ninguém poderia mudar a vontade divina de apenas os homens serem dignos de ensinar.

Nesse estudo, buscamos apontar que Jesus tinha tantos discípulos homens como mulheres e que as mulheres eram de extrema importância para o movimento que ele tinha iniciado, não apenas uma importância da esfera espiritual, como também na esfera econômica e política.

O movimento esse que permitia as mulheres a participar, não como “coadjuvantes”, mas como atuantes. Elas poderiam ensinar e compartilhar de reuniões religiosas. Uma das primeiras referências ao ministério feminino na bíblia está localizado em Lucas 8, 1-3:

Depois disso Jesus ia passando pelas cidades e povoados proclamando as boas novas do Reino de Deus. Os Doze estavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador da casa de Herodes; Susana e muitas outras. Essas mulheres ajudavam a sustentá-los com os seus bens. (Lucas 8:1-3)

Esse pequeno trecho, mostra a participação de um pequeno grupo de mulheres no movimento. Suas funções eram sustentar as missões de Jesus com os seus 12. O evangelista destaca que existiam “muitas outras” que seguiam Jesus, mas por algum motivo destaca o nome de Maria Madalena, Joana e Susana. Provavelmente essas mulheres foram referência dentro das comunidades, por isso o destaque dos seus nomes dentro do Evangelho de Lucas.

As Cartas Paulinas, são essenciais para se estudar a participação de mulheres no cristianismo. No final de suas cartas, Paulo sempre demonstra agradecimentos, citando pessoas que são de extrema importância para a expansão do cristianismo. Destacaremos aqui uma passagem da carta aos romanos “Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo” (Rm16; 7).

Percebemos que homens e mulheres estavam trabalhando lado à lado na missão de evangelizar, sem distinção ou inferioridade em relação às mulheres. Outro ponto importante em relação a essa passagem, é a aceitação de Paulo em relação ao apostolado feminino, ele reconhece Júnia como uma apóstola. Essa é uma das poucas passagens bíblicas que deixa claro um ministério feminino e a única no qual aparece uma mulher com o ministério apostólico.

Temos outra passagem na epístola de Gálatas, onde o apóstolo Paulo faz um discurso de igualdade. Para ele, todos são iguais: Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. (Gálatas 3:28).

Podemos perceber então, que o apóstolo Paulo não faz distinção entre homens e mulheres como também permitia que as mulheres pudessem ensinar e serem ensinadas e até mesmo participarem da hierarquia eclesiástica, como é o caso de Júnia.

Outro ministério que por muito tempo, foi reconhecido apenas como masculino, foi o ministério de diácono. Em Atos, temos uma passagem onde os apóstolos descrevem as características necessárias para exercer o diaconato:

Irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria. Passaremos a eles essa tarefa e nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra". Tal proposta agradou a todos. Então escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, além de Filipe, Prócoro, Nicanor, Timom, Pármenas e Nicolau, um convertido ao judaísmo, proveniente de Antioquia. (Atos 6: 3-5)

Para exercer a função, era necessário: (a) ser homem, (b) ter bom testemunho, (c) ser cheio do Espírito e de sabedoria. O autor de Atos, tenta convencer a comunidade de que o diaconato era algo reservado aos homens.

Mesmo algumas comunidades não aceitando a mulher na função de diaconisa, temos indícios de que existiram diaconisas. A referência mais clara está em Romanos 16; 6: "*Recomendo-vos Ferbe, nossa irmã diaconisa de Cencreia.*" Paulo mais uma vez deixa claro a atuação das mulheres nas comunidades cristãs que estão debaixo do seu apostolado.

Cada comunidade tinha o seu Regime de Gênero específico, o que era permitido em uma comunidade, poderia ser proibido em outra. Para as

comunidades patriarcais, as mulheres dificilmente poderiam alcançar a hierarquia eclesiástica.

As mulheres tinham uma função em especial que era manter as “Casas Igrejas”¹⁴, devido a perseguição às mesmas. As Casas Igrejas, foram uma forma de resistência do ministério feminino contra o sistema do patriarcado, que as proibiam de saírem as ruas para a expansão do cristianismo. As mulheres não poderiam sair sozinhas e muito menos falar com outros homens a não ser os de sua família e marido.

Eram feitas reuniões nas casas, as mulheres eram responsáveis pela recepção dos membros. Elas organizavam e preparavam para que as reuniões acontecessem no local (MORO, 2005).

Podemos perceber nesse trecho, Marta recepcionando Jesus e seus discípulos em sua casa.

Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra. Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. E, aproximando-se dele, perguntou: "Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!" Respondeu o Senhor: "Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e está não lhe será tirada". (Lucas 10: 38-42).

Nessa passagem, podemos perceber Marta preparando o ambiente de sua casa, muito atarefada por sinal, para receber a Jesus. Esse papel de recepção de convidados masculinos era uma função masculina. Para a cultura judaica, uma mulher não poderia recepcionar um homem. Assim como na cultura helênica, os homens eram responsáveis por receberem os convidados, enquanto as mulheres ficavam reclusas (LESSA, 2011).

O mais interessante nessa passagem é o questionamento de Marta a Jesus: "Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!" Marta estava encomodada a ver a sua irmã

¹⁴ Casas Igrejas eram pequenos núcleos de cristãos que se reuniam nas casas para prestarem os seus cultos. (MORO, 2005)

conversando com um homem. Podemos perceber que Marta achava que o lugar dela e da sua irmã era apenas servindo.

A resposta que Jesus dá a Marta é intrigante: "Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e está não lhe será tirada". Percebemos claramente que Jesus não estava interessado em "servas", mas em discípulas. Para ele, os afazeres de uma mulher são irrelevantes comparados aos seus ensinamentos e que é necessário, deixar esses papéis femininos para "escolher a boa parte"

Provavelmente, a comunidade no qual o evangelho de Lucas circulava permitia que as mulheres pudessem ser diaconisas, visto que, a função de um diácono era servir (Atos 6:1-8). Porém nem todas comunidades concordavam que a função de diácono poderia ser dada às mulheres.

Importante lembrar que essa passagem de Lc 10:38-42 só aparece no livro de Lucas. Os outros evangelhos não mencionam essa passagem do diálogo entre Marta, Maria e Jesus.

Algo semelhante temos no evangelho gnóstico de Tomé. Os discípulos e Jesus estão discutindo o que era necessário para entrar no "reino".

Eles indagaram a ele, "Devemos nós, então, como crianças, entrar no reino?" Jesus disse a eles, "Quando fizerdes dois de um, e quando fizerdes de dentro como fora e de fora como dentro, e acima como abaixo, e quando fizerdes o homem e a mulher um único e o mesmo, para que o homem deixe de ser homem e a mulher deixe de ser mulher, e quando adaptardes os olhos no lugar de um olho, e uma mão no lugar de uma mão, e um pé no lugar de um pé, e a semelhança no lugar de uma semelhança; então entrareis [no reino]". Ev de Tomé

Através desse discurso, podemos perceber uma intenção de Jesus propor a igualdade. Ele responde: "Quando fizerdes o homem e a mulher um único e o mesmo, para que o homem deixe de ser homem e a mulher deixe de ser mulher." Ou seja, isso significa que para essa comunidade, os homens deveriam ser iguais as mulheres. As mulheres deveriam ter os mesmos direitos do homem dentro da comunidade, pois eles acreditavam que eram um só, sem distinção (EHRMAN, 2008).

O quarto evangelho, mais conhecido como o Evangelho de João se diferencia dos outros evangelhos sinóticos¹⁵ pois há narrativas que não aparecem nos demais evangelhos. O livro tem a datação de mais ou menos 80 d.C do século I, porém alguns historiadores discutem que o quarto evangelho foi escrito em várias etapas e por vários redatores. A redação teria se iniciado a partir dos anos 50 até os anos 80 do século I. Raymond Brown discute que o livro passou por várias redações, cada redação se moldava ao contexto que a comunidade estava inserida, até chegar a versão que conhecemos hoje. A oficialização do Cristianismo como religião oficial do Império contribuiu para modificação da redação em torno do livro para que a comunidade pudesse sobreviver ao cristianismo aos padrões romanos. Por pouco o livro não entra no cânon bíblico devido a sua semelhança com alguns livros gnósticos.¹⁶

Esse evangelho é importante para a pesquisa, pois ele destaca as mulheres como sujeitos ativos dentro da comunidade. Um exemplo é a mulher samaritana.

Uma mulher samaritana chegou para tirar água. Jesus lhe disse: Dá-me de beber! Seus discípulos haviam ido à cidade comprar alimento. Diz-lhe então a samaritana: como tu sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana? (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos) ... Naquele instante, chegaram seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher, nenhum deles lhe perguntou: que procuras? Ou: o que falas com ela? A mulher então deixou o seu cântaro e correu a cidade dizendo a todos: Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo? Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro (João 4:1-30)

Essa passagem narra sobre uma viagem de Jesus à Galileia, mas era necessário que ele passasse por Samaria¹⁷. No meio da viagem os discípulos vão comprar alimentos enquanto Jesus repousa, nesse intervalo de tempo uma mulher samaritana aparece no poço e Jesus vendo-a pede um pouco de água.

¹⁵ Os evangelhos sinóticos são os livros de Mateus, Marcos e Lucas. São chamados assim, pois as narrativas que contém nos três livros são semelhantes.

¹⁶ Alguns termos como “discipulo amado” e a discussão do livro de João acerca de Jesus ser o verbo que se fez carne. Esses termos aparecem em alguns Evangelhos Gnósticos, o que também deixou em dúvida se a comunidade joanina era uma comunidade gnóstica (MORO, 2005).

¹⁷ Os samaritanos eram judeus que no período do cativo assírio adotaram costumes e cultos pagãos na sua cultura. Por isso os judeus e samaritanos tinham essa rivalidade, pois os primeiros viam o segundo como um “traidor dos costumes tradicionais”.

Na narrativa Jesus se revela a ela como o Cristo, o messias que foi profetizado pelos profetas do Antigo Testamento. A mulher samaritana, quando reconhece que ele é o Cristo ela sai do encontro para proclamar a notícia de que ela encontrou o messias.

Essa narrativa do quarto evangelho tem a intenção de demonstrar ao leitor que as mulheres são essenciais para a proclamação sobre que Jesus é o messias. Não só os homens poderiam fazer isso, mas as mulheres também era uma peça fundamental no quebra-cabeça. Essa narrativa só é presente no livro de João.

Outra narrativa interessante é sobre a morte de Lázaro: “Ora Jesus amava a Marta e sua irmã e Lázaro” (Jo 11:5). Nessa passagem vemos mais uma mulher que era bem próxima de Jesus. Nos evangelhos quando era citado os nomes dos discípulos o primeiro nome significava mais proximidade e o ultimo menos, conseqüentemente. Se essa regra se estende para esse versículo, temos uma mulher que era bem mais próxima de Jesus do que o seu irmão.

Ainda sobre Marta no versículo 27 do capítulo 11, Marta aparece declarando que Jesus é o Messias: “Disse ela: sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que veio ao mundo” (Jo 11:27).

Algo semelhante acontece no evangelho de Mateus 16:16, porém, não é marta que declara que Jesus é o messias, mas sim Pedro. “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo.” (Mt 16:16).

O evangelho de João dá evidência ao papel das mulheres na comunidade, ele não nega está totalmente fora da tradição patriarcal, porém reconhece que as mulheres também têm um papel a desempenhar.

Com análise das fontes percebemos que as representações femininas estão de acordo com os regimes de gênero em rigor dentro da comunidade cristã. Visto que, os livros e epistolas que circulavam dentro dessas comunidades estavam de acordo com o interesse da elite eclesiástica das mesmas.

Não apenas ensinamentos religiosos eram transmitidos dentro da comunidade, como também um “cristão” deveria se comportar perante a

sociedade, como por exemplo: proteger as viúvas, a filantropia, como também o comportamento feminino dentro da sociedade.

As comunidades patriarcais ensinavam que o homem deveria ser o sacerdote e ter o domínio sobre a mulher. “Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja” (Ef 5:23). Assim como Cristo está acima da igreja, o homem também estaria acima da mulher

Podemos perceber também na carta de 1 Pedro cap 3:

Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra; considerando a vossa vida casta, em temor. O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de joias de ouro, na compostura dos vestidos; Mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus. Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos; Como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto. (1 Pe 3: 1-6)

As mulheres deveriam se sujeitar aos maridos em obediência. Para que com a sujeição delas e obediência aos maridos eles pudessem serem “ganhos”. Logo abaixo, o autor da epistola menciona que as mulheres não deveriam se preocupar com os enfeites do exterior, como o uso de joias, nas roupas e etc. Algumas comunidades cristãs irão construir uma ideia na qual a mulher não poderia se adornar para que não despertasse o interesse dos homens.

Essa ideia se constrói dentro das comunidades cristãs patriarcais e se fortalecem até chegar na atualidade, na qual ainda há a existência de igrejas que na sua doutrinação proíbem as mulheres de se adornarem.

Diferente das comunidades patriarcais, existiam também as comunidades que viam tanto homens como mulheres de formas iguais, como por exemplo as comunidades gnósticas que a mulher poderia exercer as mesmas funções masculinas dentro das comunidades e até mesmo chegar às lideranças eclesiais dentro da comunidade.

Essa ambivalência de ensinamentos e doutrinas entre as comunidades cristãs, provocaram conflitos e disputas entre si, para a legitimação de um “cristianismo verdadeiro” e um “cristianismo herético”.

Com a oficialização do Cristianismo como religião do Império Romano, a perseguição e a negação do ministério feminino foi se intensificando como a marginalização e a estigmatização. As mulheres cada vez mais foram perdendo os seus espaços dentro das comunidades cristãs.

3. MARIA MADALENA: DE APÓSTOLA À PROSTITUTA.

Uma das figuras mais enigmáticas da história, sem dúvida é a figura de Maria Madalena. Foi representada de formas imprecisas ao longo dos séculos, servindo de tela na qual uma sucessão de fantasias tem sido projetada em torno dessa personagem (CARROLL, 2006).

Sua imagem é representada como prostituta, freira celibatária, mística etc. Na Idade Média, a sua imagem estava relacionada ao arrependimento, aquela que conquistou misericórdia e remissão pelos seus pecados.

As confusões acerca de Maria Madalena, foram construídas através do tempo a medida que a sua imagem era agregada em uma luta pelo poder e status dentro das comunidades. Como também, no processo de aceitação da religião cristã como religião oficial do Império Romano. Visto que, o cristianismo precisava de certa forma, se encaixar nos padrões sociais dominantes.

“Nos conflitos que definiram a igreja cristã - as atitudes exageradas em relação ao mundo material, concentradas na sexualidade; a autoridade de um clero exclusivamente masculino; o advento; o advento do celibato; a estigmatização da diversidade teológica como heresia; as sublimações do amor cortês; o desencadeamento da violência “cavalheiresca” o marketing da santidade, quer no tempo de Constantino quer na Contra-Reforma, quer na era romântica, quer na era industrial -, as reinvenções de Maria Madalena desempenharam seu papel”. (CARROLL, James 2006 p 38)

A confusão sobre quem era Maria Madalena, começa primeiramente no cânon bíblico, visto que, boa parte das mulheres que seguiam a Jesus se chamavam Maria. Existia Maria a mãe de Jesus, Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro. Também existia, Maria mãe de Tiago e José, esposa de Clopas.

Existiam também, três mulheres anônimas que estavam relacionadas com pecados sexuais: a mulher de “má reputação” que limpa os pés de Jesus, uma mulher samaritana e uma mulher adúltera que é arrastada pelos fariseus para ser apedrejada.

Um dos primeiros versículos que causam confusão na leitura da personagem Maria Madalena, está no livro de Lucas cap 8:

Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com os seus bens. (Lc 8; 1-3)

Nesses versículos podemos perceber duas coisas importantes. A primeira coisa é que, existiam mulheres que serviam a Jesus e seus doze através dos seus bens. Isso implica dizer, que essas mulheres eram figuras abastadas, mulheres prósperas e respeitadas dentro da comunidade.

A segunda coisa é que todas as mulheres que foram citadas foram curadas de alguma enfermidade, inclusive Maria Madalena. A expressão “sete demônios” nesse trecho, significa que ela foi curada de doenças causadas por influências malignas. Podemos perceber que o autor tem o cuidado de colocar a expressão “mulheres que foram curadas de espírito malignos e de enfermidades”, para a compreensão de que as enfermidades teriam tanto causas naturais como malignas (CARROLL, 2006).

Essa versículos foram lidos anos depois dos evangelhos serem escritos de forma distorcida e confusa. O que indicava uma enfermidade (não necessariamente uma possessão) passou a indicar uma enfermidade moral, relacionando então, com uma possessão maligna em consequência dos pecados cometidos.

No capítulo 7 do livro de Lucas, antes do autor fazer referência a essas mulheres que serviam Jesus é citada uma mulher pecadora.

Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento. Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. (Lc 7: 36-39)

Essa passagem mostra uma mulher de “má reputação” unguendo os pés de Jesus, mostrando arrependimento pelos seus pecados, derramando um óleo

perfumado, considerado especiaria, sobre Jesus. Ele se recusa a condenar aquela mulher por tal atitude, pelo contrário:

Dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados? Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz. (Lc 7:40-50)

Jesus engrandece aquela mulher “pecadora” por ter uma atitude no qual os doutores da lei (fariseus) não tiveram. Essa mulher “pecadora” vai ser associada a Maria Madalena, pois, logo após no capítulo 8 ela é citada. Sendo assim, fazendo uma leitura continua de que Maria Madalena é a mesma pecadora que lavou os pés de Jesus. Porém, foi uma confusão entre essas mulheres. Elas não são as mesmas personagens.

Essa passagem no qual descreve uma mulher de cabelos soltos, estão associadas a insinuações eróticas. Pois os cabelos em uma leitura dos padrões sociais de alguns regimes de gênero principalmente do século I e II, era visto como um instrumento de sedução feminino. Com isso, as mulheres não poderiam mostrar seus cabelos em público, era reservado apenas ao marido na intimidade do quarto de dormir (MORO, 2005).

Outro versículo em Mateus nos mostra a complexidade desses relatos. No evangelho de Mateus, aparece um relato muito semelhante ao relato de Lucas:

Ora, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, aproximou-se dele uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sobre a cabeça, estando ele à mesa. Vendo isto, indignaram-se os discípulos e disseram: Para que este desperdício? Pois este

perfume podia ser vendido por muito dinheiro e dar-se aos pobres. Mas Jesus, sabendo disto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela praticou boa ação para comigo. Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes; pois, derramando este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento. Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua. (Mt 26: 6-13)

A diferença entre o relato de Lucas para o relato de Mateus é que Jesus está na casa de Simão conhecido como o leproso, e não na casa de um dos fariseus. A mulher também não é acusada de “pecadora” pelos que estão ao seu redor. Esse ato, significava dentro da narrativa uma predição à morte de Jesus.

A narrativa de Lucas, estava relacionada ao erotismo, já a passagem de Mateus, está relacionada ao dinheiro, visto que os discípulos estavam cogitando a possibilidade de vender a especiaria e entregar o dinheiro para os pobres. Ou seja, há uma dedução de que a mulher de Mateus era uma mulher abastada, o que futuramente a partir do século III, foi confundida com Maria Madalena, no capítulo 8 de Lucas, pois também é mencionada como uma mulher de posses.

Uma outra passagem no livro de João que também é muito parecida com as passagens de Mateus e Lucas:

Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus para Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. Deram-lhe, pois, ali, uma ceia; Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa. Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo. Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava para traí-lo, disse: Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres? Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava. Jesus, entretanto, disse: Deixa-a! Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem; porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes. (Jo 12: 1-8)

Essa passagem passou a contribuir também para uma leitura equivocada de Maria Madalena. No evangelho de João a personagem que derrama perfume sobre os pés de Jesus agora é nomeada, seu nome é Maria, irmã de Lázaro. O que passou a ser confundida com Maria Madalena. Isso contribuiu para que essas três narrativas fossem lidas como a mesma narrativa. Porém como já ressaltamos no primeiro capítulo, cada evangelho possui suas características

diferentes, narrativas até semelhantes, porém diferentes. O evangelho era construído através do que era relevante dentro da comunidade.

Na tradição católica medieval, Maria Madalena por vezes é mencionada como a irmã de Lázaro, em consequência dessa interpretação equivocada das fontes. Mas como explicar que a Maria irmã de Lázaro não é a mesma Maria Madalena?

Primeiramente, Maria irmã de Lázaro era de uma região conhecida por Betânia, que por vezes, também é mencionada como Maria de Betânia. Já Maria Madalena se diferencia pelo seu segundo nome, Madalena. Nos textos originais em grego significa *Miriam de Magdalini*. Ou seja, significava que ela era natural de Magdala. Era uma pequena região próspera situada na Galiléia. De acordo com os escritos de Flávio Josefo¹⁸ e recentes escavações demonstram que essa cidade foi bastante próspera (MORO, 2005).

Os autores dos evangelhos utilizavam esse epíteto para diferenciar Madalena das outras Marias. Não temos nenhuma referência da ligação de Madalena com as outras discípulas. “Sabe-se apenas que a palavra grega usada para as mulheres em geral- *diakonein*- não era utilizada quando se dirigiam a ela” (MORO, FERNANDA 2005 p. 55). Esse termo era utilizado para designar várias expressões, dentre elas: servir, ministrar, ensinar. É desse termo que vai originar ao termo diácono. O termo designado para Madalena é *koinonos*, que quer dizer companheira.

Ainda existe mais uma passagem no evangelho de Lucas que ajudou a construir uma imagem distorcida de Maria Madalena:

Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava. Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escreveu na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só

¹⁸ Flávio Josefo foi um historiador judeu do século I d. C

Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.

Essa passagem contribuiu para agregar a ideia construída de uma pecadora arrependida e até mesmo, a imagem de uma prostituta que alcançou misericórdia. Logo, na passagem vemos uma mulher que é surpreendida pelos fariseus em adultério, que mais tarde, a partir do século III, essa imagem foi sendo associada a mulher do unguento de Lucas 7 e conseqüentemente com as outras narrativas dos livros de Mateus e João, até ser associada a imagem de Maria Madalena.

Precisamos entender, que essa construção deturpada dos evangelhos não foi uma construção natural, mas algo culturalmente construído. A acusação de Maria Madalena de prostituta arrependida, está intimamente ligada com os conflitos entre os Regimes de Gênero. Negar que Madalena tinha seu lugar como discípula, era negar a participação feminina dentro das comunidades.

Tornou-se então vantajoso, para as comunidades patriarcais marginalizar uma liderança feminina, deturpando e estigmatizando a imagem de Maria Madalena, já que não conseguiram silenciar as narrativas que a mencionavam. Essa imagem de prostituta foi construída na antiguidade e consolidada no medievo, quando o Papa Gregório I, século VI, acusa Madalena de ser uma prostituta arrependida. Sendo assim, ela passou a ser representada como modelo feminino tradicional, a transmissora do pecado original, que após ser curada, teria passado a sua vida em penitência e arrependimento (MORO, p. 54, 2005).

Após a morte de Jesus, o movimento que ele iniciou, começou a tomar proporções diferentes. Primeiramente, o grupo de cristãos começou a ampliar, deixando assim de ser um pequeno e restrito grupo de discípulos tornando-se vários grupos com diferentes visões sobre o que Jesus disse e o que ele não disse. Maria Madalena, fazia parte do ciclo de discípulos mais próximos de Jesus, o que dava ela um lugar de evidência. O seu papel está relacionado como uma contribuinte de Jesus e seus discípulos, o que pode ter colaborado para a aproximação dela com Jesus e os discípulos.

Dentro do movimento cristão, a figura de Maria Madalena é fundamental para se compreender o regime de gênero dentro das comunidades do I e II século d. C. Esta mulher tinha um lugar de evidência dentro do ciclo de discípulos de Jesus, pois inicialmente o número de discípulos era pequeno, ao ponto de serem conhecidos pelo nome (CHEVITARESE, p. 22, 2011). A figura de Maria Madalena também é importante para compreendermos a pluralidade e os conflitos entre as comunidades cristãs, visto que, elas tinham pensamentos diferentes e divergentes.

Ela tinha um papel fundamental como líder feminina, um modelo a ser seguido para as lideranças cristãs. Para se tornar um apóstolo segundo os critérios paulinos era necessário ver Jesus ressuscitado, só assim legitimava um indivíduo a ser um apóstolo. Maria Madalena, segundo o evangelho de João, foi a primeira a ver o Cristo ressuscitado, o que a legitimava, segundo os padrões da época, uma apóstola.

Mesmo sendo uma das discípulas mais próximas de Jesus, assim com os 12 Apóstolos, sua liderança não foi reconhecida por algumas comunidades, principalmente as comunidades patriarcais tradicionais ligadas à cultura judaica e greco-romana, que tinham Pedro como modelo de líder cristão, o que promoveu conflitos entre essas comunidades.

Ao passo que o cristianismo ia se moldando aos costumes romanos o ministério feminino ia desaparecendo gradativamente e a figura de Maria Madalena sendo deturpada.

3.1 A importância dos evangelhos gnósticos para a pesquisa.

O cânon que temos hoje em nossas mãos, foi fruto de disputas entre os grupos de cristãos existentes. A bíblia que conhecemos hoje é o sinônimo de uma conquista de um cristianismo dominante, logo, a visão e os ensinamentos dessa classe dominante precisavam ser legitimados. Visto que não existia um grupo de livros ditos oficiais, mas sim cada comunidade tinha a sua literatura em particular.

A partir do século II, surgem os Pais Apostólicos¹⁹, que foram chamados assim, pelo seu zelo e amor que tinham pela função que exerciam nas comunidades. Os pais apostólicos eram representantes de um cristianismo patriarcal tradicional.

É nesse período no qual o cristianismo assume o “ápice” do seu pluralismo, várias comunidades de diferentes visões tinham se originado. Os Pais Apostólicos viram então a necessidade de combater as outras visões do cristianismo. Passando assim a perseguir todas as comunidades que eram contra os seus ensinamentos. Todas as comunidades que estavam fora dos padrões eram consideradas heréticas e por isso deveriam ser evitadas.

Essa perseguição as outras vertentes do cristianismo irão se intensificar com a oficialização do cristianismo como religião do Império Romano, que na verdade, apenas uma versão do cristianismo. O Império Romano estava passando por um momento de crise e era necessário o apoio dos cristãos para legitimar a expansão e como também expandir os seus domínios a outros povos.

No ano de 313 d. C o cristianismo passou a ser uma religião reconhecida pelo Império Romano. O imperador Constantino através do Édito de Milão, possibilitou a liberdade de culto para os cristãos, deixando de ser uma religião proibida pelo Império. É importante lembrar, que Constantino não pôs fim as perseguições aos cristãos, isso tinha cessado dois anos antes (VEYNE, 2011).

No início do século IV o Império Romano estava dividido entre quatro co-imperadores, dois repartiam o Oriente e o Ocidente. Constantino dividia o Império do Ocidente com Licínio. Em 312 d. C, Licínio ocupa as terras do Oriente e Constantino do Ocidente.

Em 324 d. C, Constantino conquista as terras do Oriente unificando então o Império Romano. Um ano após a conquista, o imperador reúne os principais bispos cristãos na cidade de Niceia com a tentativa de entrar em consenso sobre algumas doutrinas cristãs e sobre algumas divergências sobre a natureza de Jesus. Há várias tentativas de unificarem o cristianismo, visto que a pluralidade era intensa.

Outros concílios foram organizados com essa mesma tentativa, como por exemplo o Concílio de Selêucia e o Concílio de Constantinopla, que tinham por

¹⁹ Ou os Pais da Igreja

objetivo resolver as questões que estavam dividindo a igreja, como por exemplo as doutrinas arianistas.

O cânon bíblico foi construído de acordo com os padrões discutidos em Níceia, isso significa dizer que, vários outros livros que não se encaixavam no padrão foram excluídos e proibidos, ditos como heréticos e perigosos para os cristãos e precisavam ser destruídos (MORO, 2005).

Cabe lembrar que a coleção de livros que conhecemos hoje como cânon foi oficialmente estabelecido no Concílio de Trento, em 1546. Porém há registros que São Jerônimo foi encarregado pelo Papa Damasco, por volta de 342-420 d. C para estabelecer a versão definitiva dos evangelhos e do Ato dos Apóstolos. São Jerônimo se queixava da dificuldade da tarefa por conta da miscelânea de textos.

Cristãos que não estavam de acordo com a doutrina dominante passaram por uma perseguição mais intensa (pois a perseguição e a negação desses grupos já estavam presentes nos escritos dos pais apostólicos). Dentre esses grupos, estavam os cristãos gnósticos.

Para os gnósticos, a perseguição iria agora soprar do interior, a partir do próprio grupo “daqueles que se dizem cristãos”, segundo os amargos termos comprovados pela *hipóstase dos Arcontes*. E, coisa surpreendente, esta perseguição dos cristãos (os judaizantes) contra os “hereges” (os gnósticos) iria retomar, muitas vezes, os mesmos argumentos que o império havia utilizado contra os cristãos. Particularmente as acusações de “orgia”, isto é, de imoralidade, que foram lançadas pelos romanos contra os cristãos, foram retomadas por estes contra os gnósticos. (GANGE, Françoise 2005 p150)

Por conta da perseguição a esses grupos, muitos foram se refugiar em locais distantes. Um dos locais que receberam os refugiados, foi o Egito. Segundo Fernanda Moro (2005), em 270 d. C já aviam numerosos ascetas que viviam como eremitas como também solitários nas proximidades das suas aldeias, como é o exemplo de Antônio, que foi considerado o fundador do monarquismo egípcio. Ele teria sido o primeiro asceta a reunir discípulos com a finalidade de construir uma comunidade e a colocar regras formais para a direção espiritual do grupo (MORO 2005).

Essas comunidades ascetas, retiraram-se para o centro do deserto para não serem vítimas das seduções e distrações do mundo. “Nos primeiros séculos

da era atual, os peregrinos cristãos continuavam a vir não apenas das regiões vizinhas ao Egito, mas também de toda a Ásia Menor, da Etiópia e da Europa; através dessas novas adesões, muitos mosteiros se tornaram multiculturais” (MORO, Fernanda 2005 p. 82).

Em dezembro 1945, foram descobertos manuscritos que provocaram um enorme impacto nos estudos de cristianismo primitivo. Esses livros só foram divulgados pela imprensa egípcia no ano de 1948. Os manuscritos inicialmente não chamaram atenção, apenas alguns estavam interessados em estudá-los. Primeiramente, esses documentos passaram a serem alvos de psicanalistas e psicólogos, devido ao interesse dos psiquiatras pela gnose (MORO 2005).

Esses manuscritos foram encontrados devido à casualidade e não por escavações. Foram encontrados por Mohamed Ali es-Smmam na companhia do seu irmão que iam em busca de fertilizantes na região de Djebel el-Tarif. Descobriram uma grande jarra enterrada e fechada com betume, dentro da jarra continha 13 códices com capas de couro contendo vários manuscritos. Os manuscritos receberam o nome de Biblioteca Gnóstica de Nag Hammadi, devido à aproximação da aldeia com o mesmo nome.

Os documentos estão em sua maioria em língua copta saítica. Esses documentos são de extrema importância para os estudos dos primeiros anos do cristianismo, eles nos dão uma outra visão do cristianismo. Graças a esses documentos é possível analisar a figura de Maria Madalena através de uma outra ótica, que é divergente dos evangelhos canônicos.

A datação desses manuscritos feitas através de análises paleográficas e científicas, comprovaram uma datação entre o século III e o IV. Porém o conteúdo dos textos, depois de mais análises, os estudiosos comprovaram ser de períodos anteriores, final do século I e século II. Pois alguns livros gnósticos, como no caso o apócrifo de João é citado por Irineu de Leão no século II.

A maneira como foram encontrados, escondidos e lacrados dentro de uma jarra com betume, nos mostra que provavelmente esses textos estavam sendo escondidos para que não fossem encontrados e destruídos pelos perseguidores, deixando-os para que as próximas gerações os conhecessem. Outro ponto a ser analisado é que diferente dos textos ditos “oficiais”, os manuscritos da biblioteca de Nag Hammadi estavam em uma língua popular para que as comunidades tivessem acesso a esses documentos.

3.2 Afinal, quem eram os gnósticos?

Antes de falarmos sobre os gnósticos precisamos entender sobre uma enorme brecha no mundo antigo, em relação ao corpo e a carne como também o mundo material e do outro o mundo imaterial (CROSSAN 2004).

Segundo Crossan, (2004) existiam duas principais linhas de pensamento no cristianismo primitivo. A primeira, tinha um ponto de vista contrário ao corpo, a separação do corpo contra o espírito, como também a “sensibilidade sarcófóbica envolvia um espectro de carne como irrelevante ou sem importância para o espírito” (CROSSAN, 2004 p. 75). Ou seja, a carne (corpo) era irrelevante, pois era vista como inimiga e maligna para o espírito, servindo apenas de distração.

O segundo ponto de vista estava em outro extremo. Enquanto a primeira linha de pensamento acreditava que a carne não trazia boas consequências ao espírito, a segunda vai negar que o corpo é a distração do espírito, ou queda degradante do espírito. Esse ponto de vista era favorável ao corpo e a união do mesmo com o espírito (CROSSAN, 2004)

A concepção de espiritualidade na modernidade é diferente da concepção que os antigos tinham, no qual o mundo material está transcendentalmente separado do mundo espiritual. Para os antigos de uma forma, a concepção de um mundo onde existia o mortal e imortal, divino e humano, celeste e terreno estavam inclusos dentro de uma mesma esfera. Eles não separavam a espiritualidade do cotidiano, ela sempre estava presente. Esse mundo era povoado de deuses e deusas, espíritos, que assumiam formas diferentes. Os deuses poderiam assumir qualquer *forma aparentemente* material, humana e até animal. Essas formas eram *apenas aparentemente* reais. Eles poderiam encarnar-se, porém, essa encarnação era “ilusória” (CROSSAN, 2004).

A ideia de um deus que era homem e tinha um corpo físico e real, era inconcebível para boa parte dos antigos. Essa discussão entre o corpo e o espírito vai apresentar um problema sério a respeito de Jesus. Como então entender, que Jesus era um deus, mas que “se fez carne”? Ou, Jesus realmente tinha um corpo “físico”?

Esses questionamentos pairavam sobre os primeiros cristãos. A dicotomia entre essas ideias possibilitou ainda mais a pluralidade do cristianismo. Pois uns

acreditavam que Jesus não tinha um corpo físico, pois era impossível que um deus tivesse um corpo *real*. E outros acreditavam na divindade, mesmo Jesus tendo um corpo físico *real*, pois era explicado não como um *deus* ou *espírito*, mas como um *herói*, como fruto de uma conjunção humana e divina, meio-humano e meio-divino, porém real e verdadeiramente cada uma das metades. Logo depois da sua morte real e verdadeira, poderia “voltar ao seu lugar entre os imortais celestes” (RILEY 1998 apud CROSSAN 2004 p 76).

Esse conflito de interpretação está relacionado com o cristianismo ortodoxo e o cristianismo gnóstico, ou seja, o primeiro acredita na encarnação e o segundo eram docentistas.

Após essa explanação, podemos compreender melhor sobre os gnósticos e sobre a doutrina que seguiam. Sabemos que os gnósticos acreditavam que Jesus não era “*carne*”, o que foi o principal motivo para que fossem perseguidos e considerados heréticos.

Outro pensamento gnóstico estava relacionado ao ascetismo. O ascetismo está relacionado à uma filosofia de estilo de vida que acredita que através da abstenção dos prazeres físicos o ser humano pode atingir o equilíbrio espiritual.

Para os gnósticos, a negação dos prazeres carnis, significava um caminho para uma elevação espiritual e conseqüentemente obter a gnose. Para que isso acontecesse, era necessário a negação do corpo físico, que era visto como maligno, fonte dos males e até mesmo um empecilho para alcançar a gnose. Quem atingisse a gnose, conseqüentemente atingiria também a salvação.

O movimento gnóstico é muito mais amplo e diversificado do que podemos imaginar. A própria Biblioteca de Nag Hammadi tem diversos manuscritos e variam amplamente divergindo entre si. Isso leva aos pesquisadores a concluir que os textos não podem ser pensados como frutos provenientes de apenas um grupo gnóstico (ROBINSON, 2014).

O gnosticismo assim como o cristianismo é altamente diversificado. Ele apresenta várias vertentes e linhas de pensamento. Existe um debate intenso entre os historiadores em relação ao gnosticismo. Se o movimento gnóstico é para ser entendido apenas como um desenvolvimento do cristianismo, ou, como

o movimento mais abrangente que possivelmente pode ter antecedido o cristianismo.

As respostas para esse debate, estão na própria Biblioteca Gnóstica de Nag Hammadi. Alguns manuscritos encontrados nessa coleção, não apresentam nenhum ingrediente cristão em suas narrativas, porém refletem narrativas judaicas do Antigo Testamento.

Para Robinson (2014) o gnosticismo não parece ter sido em toda a sua essência apenas uma expressão do cristianismo. “Tratava-se de uma tendência radical de libertação ante o domínio do mal ou de uma transcendência profunda que circulou no final da Antiguidade e que emergiu dentro cristianismo, judaísmo neoplatonismo, hermetismo e outras formas similares” (ROBINSON, 2014 p. 25). Sendo assim, podemos concluir que não existia um gnosticismo padrão e ele não estava apenas restrito como uma ramificação do cristianismo e sim plural e multicultural. Logo o termo Gnosticismo não cabe a esse movimento, mas sim Gnosticismos pela sua variedade cultural.

Existiam comunidades que tinham um ensinamento mais asceta do que outras. Como por exemplo no Evangelho de Filipe, existe um dialogo de Jesus com seus discípulos em relação ao casamento.

Grande é o mistério do matrimônio! Pois [sem] ele, o mundo [não existiria]. Agora, a existência do [mundo...] e a existência do [...matrimônio]. pense no [... relacionamento], pois ele possui [...] poder. Sua imagem consiste de uma profanação. (Ev de Felipe)

O tema principal desse evangelho a definição do amor, não um amor abstrato, mas um amor entre homem e mulher que é regenerante. Algumas comunidades gnósticas acreditavam no poder do matrimônio e na união entre um homem e uma mulher. Para essa comunidade gnóstica, a separação entre os sexos que foi operada pela ordem patriarcal e se mostra mortífera:

Se a mulher não tivesse separado do homem, ela não morreria com o homem. Esta separação foi o começo da morte. Por isso Cristo veio remediar esta separação [...] e reunir os dois e dá a vida àqueles que estão mortos por causa dessa separação e unificá-los [...]. Na verdade, aqueles que estão unidos na câmara nupcial nunca mais serão separados. (Ev de Felipe)

A expressão câmara nupcial se refere a não apenas a união dos corpos, mas a união entre homem e mulher de formas iguais, o “amor verdadeiro”. O

casamento na visão dessa comunidade, não era visto como algo supérfluo como outras comunidades gnósticas viam. Mas o casamento precisaria respeitar a igualdade entre homem e mulher (GANGUE 2007).

Nenhum dos textos no cânon bíblico faz referência à câmara nupcial como símbolo de uma união entre o masculino e o feminino reconciliados. Nem referências que mostram a igualdade entre homem e mulher dentro do casamento, como também do motivo da união ser pelo amor.

Essa necessidade dos gnósticos de ver o feminino e o masculino como iguais está relacionado com a ideia de hierarquia. A ideia de hierarquia para os gnósticos é perversa, pois era necessário encontrar a unidade para encontrar o Reino Interior e conseqüentemente obter a gnose (GANGE 2007).

Os bispos acusavam os gnósticos de rebeldia. Essa “insubordinação” feria os interesses dos bispos que constituíam o ápice da hierarquia cristã, os acusando de realizarem reuniões não autorizadas (não autorizadas por eles, os bispos).

As funções dentro das comunidades gnósticas eram designadas através de sorteios. A cada nova assembleia era realizado um novo sorteio, para que todos pudessem ter novas oportunidades e conseqüentemente a não concentração de poder em apenas alguns indivíduos. Essas reuniões eram mistas, existia a participação tanto de homens como de mulheres (GANGE 2007).

A ideia de hierarquia é diferente do cânon bíblico, que foi construído justamente para legitimar a ideia de uma hierarquia eclesiástica designada por vontade divina.

Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos; (1 Pe 2: 13-15)

Na carta de Primeira Pedro, percebemos a necessidade do autor de legitimar as autoridades e reconhecer que elas são de vontades divinas, logo, os fieis não poderiam questionar ou até mesmo discordarem das autoridades tanto eclesiásticas espirituais como autoridades administrativas do Império Romano.

Essa submissão se estendia também para as mulheres:

Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor. Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário (1 Pe 3:1-3)

O autor faz referência da matriarca Sara, esposa do grande patriarca para os judeus, como uma mulhere obediente ao seu marido. Por isso era necessário que as mulheres seguissem esse padrão dentro da comunidade.

Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seu próprio marido, como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma. (1 Pe 3: 5-6)

O modelo de mulheres santas, é a mulher que permanece submissa ao seu marido. Não uma mulher que divide as tarefas dentro da comunidade. Essa epístola, é um alerta para as mulheres dentro das comunidades para que reconhecessem o seu lugar de submissão, pois era uma vontade divina.

Devido a essa recusa de hierarquia dentro das comunidades gnósticas sem a aceitação de uma submissão feminina é que alguns líderes cristãos ortodoxos irão se levantar contra essas comunidades.

Tertuliano expressa a sua opinião sobre os gnósticos:

Não se sabe quem é catecúmeno e quem é crente; todos podem participar da mesma maneira, todos escutam e rezam da mesma maneira, inclusive os pagãos, se houver. Na verdade, sua simplicidade consiste na rejeição total da disciplina. [...] Da mesma forma, eles trocam o beijo da paz com todos, sem nenhuma preocupação com as diferentes maneiras de tratar os sujeitos. (Tertuliano. *De Praescriptione*, XLI apud GANGES, Françoises p 156)

Mesmo que seja uma descrição de um ponto de vista da classe dominante sobre o outro, precisamos analisar alguns pontos sobre essa passagem de Tertuliano. A primeira coisa que devemos analisar é a forma das reuniões, todos estavam de forma igualitária, até mesmo os pagãos, o que provocava indignação aos Pais da Igreja, devido ao incentivo que os mesmos davam aos fieis de expandir o “Reino de Deus” e não uma comunidade que convivesse com pagãos e cristão desempenhavam o mesmo papel.

A segunda coisa a ser analisada é que todos tratavam-se de forma igualitária, sem mesmo se preocuparem com as diferentes maneiras de tratarem um ao outro inclusive a saudação com o beijo da paz²⁰. Isso incluía também as mulheres que eram tratadas da mesma forma que os homens, recebendo o beijo da paz (beijo no rosto). Uma mulher que recebia um beijo de outro homem em público que não era o seu marido, era vista como indecente e até mesmo prostituta, podendo até mesmo ser acusada de adultério.

Ele ainda continua em seu discurso sobre a participação das mulheres dentro dessas reuniões:

Quanto as suas mulheres, como são prostituídas! Pois são bastante ousadas para ensinar, para participar nas discussões, para exorcizar, para se acharem capazes de operar curas, talvez também para batizar. (Tertuliano. *De Praescriptione*, XLI apud GANGES, Françoises p 157)

Podemos perceber na fala de Tertuliano que existiam mulheres que atuavam nas reuniões e eram participativas. Ele as acusa de serem prostituídas, refletindo o pensamento do cristianismo ortodoxo em relação as mulheres que não seguiram a submissão ordenada. A consequência disso era de serem taxadas de prostitutas.

3.3 Maria Madalena nos evangelhos gnósticos: uma contradição do cânon bíblico

A ideia de hierarquia para os gnósticos era totalmente maligna e ruim, devido a isso, essas comunidades buscavam o equilíbrio entre si. O equilíbrio entre o feminino e o masculino também estava incluso nessa ótica gnóstica, pois era necessário para que o ser humano adquirisse o “Reino Interior”.

Por conta dessa ótica, os gnósticos não viam as mulheres como submissas ou inferiores aos homens, todos eram iguais e tinham o mesmo direito de ensinar e de atuarem na comunidade. Isso entrou em conflito com os Regimes de Gênero das sociedades no qual estavam inseridos.

Mulheres estavam em assembleias gnósticas ensinando e desempenhando papéis que eram vistos como masculinos. A consequência

²⁰ Também conhecido como ósculo santo. É citado nas cartas paulinas de Romanos, I e II Coríntios e I Tessalonicense.

disso, são evangelhos gnósticos recheados de participação feminina, totalmente diferente dos evangelhos canônicos, no qual podem até reconhecer o papel da mulher na comunidade, porém a mulher tem uma voz controlada nesses evangelhos.

As representações de gênero variam no espaço e no tempo, elas estão intimamente ligadas com os Regimes de Gênero de cada espaço social. Elas não são a imagem do real. As representações de Maria Madalena e de outras mulheres cristãs vão está relacionadas com os modelos femininos vigentes no contexto onde o autor está inserido (SEBILLOTE, 2011).

No Evangelho de Felipe, temos a representação de Madalena como a companheira de Jesus: “Haviam três que sempre andavam com o Mestre: Maria sua mãe, sua irmã e Madalena, aquela que era chamada de sua companheira. Sua irmã e sua mãe e sua companheira eram, cada uma, uma Maria”. (Ev de Felipe)

Podemos perceber que existia um círculo de mulheres que eram ligadas a Jesus de forma íntima, duas dessas mulheres, estavam ligadas a Jesus por laços familiares. O autor destaca que Madalena era chamada de companheira e não afirma que a mesma era, o que abre um campo de dúvidas para nós pesquisadores se Jesus era ou não casado com Madalena.

Outra passagem do mesmo evangelho nos mostra como Madalena era respeitada dentro dessas comunidades:

Assim como a Sabedoria é chamada de “infecunda”, ela é a mãe [dos] anjos. E a companheira de [...] Maria Madalena [...amava] ela mais que a [todos] os discípulos [e costumava] beijá-la [frequentemente] na sua [...(boca)]. Ev de Felipe

São esse trecho que legitima a importância de Madalena na comunidade. Os termos entre colchetes e parênteses são expressões na qual os estudiosos conjecturaram devido às lacunas nos manuscritos causados pela degradação do tempo. O autor a descreve como o discípulo mais amado de Jesus ao ponto de está frequentemente beijando em sua boca.

A expressão nos evangelhos gnósticos em relacionado ao beijo, não está ligado à uma conotação sexual, mas está ligado à uma condição espiritual.

É por ser prometido ao lugar celestial que o homem [recebe] o alimento [...] dele pela boca. [E assim] veio a palavra daquele lugar (dizendo) que seriam alimentados pela boca e se tornariam perfeitos. Sendo ela através de um beijo que o Perfeito

concebe e dá a luz. Por esse motivo, nós nos beijamos uns aos outros. Recebemos a concepção da graça que está no meio de nós. Ev de Felipe

O beijo está ligado ao compartilhamento de sabedoria. No pensamento gnóstico se o homem é alimentado fisicamente através da boca, do mesmo modo o espírito é alimentando pela boca. A forma pela qual esse alimento é passado é através do beijo (MORO 2005).

Sendo assim, Maria Madalena estava recebendo os ensinamentos de Jesus e sendo alimentada pelo seu mestre diretamente. Dando a ela uma importância dentro da comunidade.

No livro O Diálogo do Salvador, Jesus, que no livro nunca é mencionado pelo nome e sim por Salvador está em um constante diálogo com os seus discípulos e isso incluía a Maria Madalena no meio dos doze recebendo ensinamentos sem distinção de gênero.

A diferença entre os sexos era algo tão incômodo para essa comunidade que é refletido na documentação textual. Em um momento de diálogo entre o “Salvador” e seus discípulos, há uma referência na qual o Mestre pede aos discípulos, para que orem por um lugar onde não exista mulher.

O Mestre disse, “orai no lugar onde não há mulher”. Mateus disse, “orai nos lugares onde não há mulher”, ele nos disse, significando “destruí os trabalhos das mulheres”, não porque existe outra [forma de nascimento], mas porque eles cessarão [de gerar nascimento]”. “Maria disse, eles nunca serão obliterados.” O Mestre disse, “quem sabe se ele não se dissolverão... [...] (Diálogo do Salvador)

Esse sem dúvida é um dos relatos dos diálogos mais antigos na Biblioteca Gnóstica. Em todo o livro, Jesus está conversando entre três de seus seguidores Judas Tomé, Mateus e Maria Madalena. Isso mostra a importância desses três seguidores para essa comunidade.

No trecho que foi citado, Judas questiona sobre a oração, como alguém poderia desfrutar da comunhão com Deus. A resposta que Judas teve de Jesus é de “orar por um lugar onde não há mulher”. Mateus então interpreta a expressão de Jesus dizendo que só haverá comunhão com Deus quando “as obras da mulher forem destruídas”. As obras de mulher segundo o autor Ehrman (2008) estão ligadas as atividades de concepção de um filho e um parto.

Qual o significado então, da expressão “destruir o trabalho das mulheres”? Sabemos que para os gnósticos o mundo material era perverso e resultado de uma catástrofe cósmica, logo o mundo não é um lugar bom e criado pelo Deus verdadeiro e sim criado por uma deidade inferior. Com isso, eles queriam o afastamento do mundo material e não prolongar o sofrimento na terra. Quando uma criança nasce e a mulher realiza a suas obras, significa para alguns gnósticos que, o mundo material está se perpetuando. Conseqüentemente a procriação deve ser evitada e destruir as obras de mulher, o que significa que relações sexuais com o intuito de procriação e que levem ao parto devem cessar. (EHRMAN, 2008).

Para Ehrman (2008) essas comunidades praticavam o coito interrompido, essa conclusão se dá através de um manuscrito que é citado por Epifânio²¹, e que hoje está perdido, provavelmente foi aniquilado pelo seu conteúdo. O nome do manuscrito é As Maiores Perguntas de Maria Madalena.

O livro de Epifânio no qual ele cita a obra perdida é *Panárion*, que significa caixa de remédios, pois ele tenta oferecer um antídoto para as heresias. “Mesmo que a interpretação desses textos é questionável, é bom ter a palavra dos autores que ele menciona, pois na maioria dos casos elas não estão disponíveis em outras fontes” (EHRMAN, 2008 p. 340).

Epifânio relata que As Maiores Perguntas de Maria Madalena foi escrito pelos fibionitas. Precisamos entender que há exageros nos textos de Epifânio e que também é um relato tendencioso. Esse livro sobre o qual Epifânio cita, consiste em Jesus levando Maria Madalena para o cume de uma montanha, ele tirou algo de seu lado mulher - o que se assemelha as narrativas de gênesis que Deus tirou a costela de Adão. Depois ele passou a ter relações sexuais com ela, porém quando ele atingiu o clímax, retirou o pênis dela e recolheu o sêmen e logo após bebeu e disse a Maria: Assim devemos fazer para obter a vida (EHRMAN, 2008 p. 342)

Algo semelhante está descrito no Evangelho dos Egípcios onde Salomé pergunta a Jesus “porquanto tempo a morte irá prevalecer”, por quanto tempo o mundo material supérfluo e perverso iria durar? A resposta de Jesus à Salomé:

²¹ Epifânio foi um herisiólogo do século IV, que estava disposto a combater as “heresias” e principalmente destruir os vestígios delas.

“Tanto tempo quanto as mulheres tiverem filhos”. E ela respondeu a Jesus: “Então fiz bem em não ter filhos”. Jesus fala ainda a Salomé respondendo de forma positiva: “Come todas as ervas, mas não a amarga”, ou seja, Jesus está se referindo ao sofrimento do parto e das suas consequências.

A obra *As Maiores Perguntas de Maria Madalena*, nos leva a pensar que foi um livro construído pela comunidade gnóstica dos fibionitas para uma educação religiosa e sexual. Foi necessário então pegar os dois maiores ícones do gnosticismo (Jesus e Madalena) para demonstrar a forma correta aos fiéis de praticar uma relação sexual sem a consequência do prolongamento do sofrimento.

Outra representação de Madalena no gnosticismo aparece no evangelho que leva o seu nome. O evangelho de Maria Madalena é dividido em duas partes. A primeira Jesus está em um diálogo com os seus discípulos, respondendo as dúvidas sobre a matéria e o pecado. Na segunda parte, ele se despede dos seus discípulos e os exorta a cuidarem para que não deixem que sejam seduzidos pelas coisas terrenas e os comissiona para pregar.

Os discípulos entram em total desespero por não se sentirem preparados, ficam cheio de dúvidas e contestação. Até que em um momento, Maria Madalena se levanta para conforta-los e se voltarem para o “bondoso”. Pedro a pede que ela conte as palavras do Salvador e até mesmo as palavras que foram ditas somente a ela e ocultas dos demais discípulos.

Porém, eles ficaram aflitos. Eles lamentaram muito, dizendo, “como devemos ir aos gentis e pregar o evangelho do reino do Filho do Homem? Se eles não o pouparam, como pouparão a nós?” então Maria se ergueu, saudou a todos eles, e disse aos seus irmãos, “não chorai e vos afligir e nem sede irresolutos, pois a sua graça estará plenamente convosco e vos protegerá. Vamos louvar a sua grandeza, pois ele nos preparou e nos transformou em homens”. Quando Maria disse isso, ela fez com que em seus corações se voltassem ao Bondoso, e eles começaram a discutir as palavras do [Salvador]. Pedro disse a Maria, “Irmã, nós sabemos que o Salvador amava a ti mais do que todas as outras mulheres. Diga-nos as palavras do Salvador que mais te recordas, as quais tu sabes (mas) nós não sabemos, nem ouvimos falar delas”. E ela começou a falar para eles estas palavras. (Ev de Maria Madalena)

Maria Madalena é amada pelo Salvador e possuidora da gnose e do ensinamento superior. Ensinações que foram oculto aos outros discípulos só após a partida de Jesus que esses ensinamentos foram revelados a eles por

Maria. A narrativa descreve que Maria foi visitada por Jesus, em forma de aparição no qual ele contou a ela os seus segredos. Infelizmente, quatro páginas estão faltando e não podemos ter toda a narrativa dos ensinamentos de Jesus a ela (KING, 2014).

Mas isso não significa que o livro deve ser deixado de lado. Pelo contrário, a falta de outras cópias desse evangelho e a sua quase perda por completo, reflete no pouco interesse de manter esses evangelhos em circulação, como também, o interesse de um cristianismo ortodoxo em aniquilar esses textos.

3.4 O que os textos canônicos têm a dizer sobre Maria Madalena?

A imagem de Maria Madalena foi distorcida ao longo do tempo, de pregadora do evangelho à prostituta arrependida. Essa representação que se consolidou na Idade Média teve suas origens na antiguidade. O conflito entre os Regimes de Gênero e a busca pelo genuíno evangelho, fizeram com que não só Maria Madalena, mas o ministério feminino em si ser estigmatizado.

O Novo Testamento, diferente dos escritos gnósticos, não dão tanta visibilidade ao ministério feminino. As narrativas nas quais Maria Madalena, são totalmente diferentes das narrativas gnósticas. O lugar de fala é restrito e suas aparições nos evangelhos são “tímidas”.

Apenas o evangelho de João dá mais visibilidade ao papel de Maria Madalena. Visto que o evangelho cita Madalena como a primeira a ver o Cristo ressuscitado.

É necessário entender que existem quatro narrativas diferentes sobre a ressurreição, elas não são iguais, assim como não se completam. São narrativas distintas que fazem parte de uma construção de uma comunidade que levará em conta aquilo que é importante a ser ensinado e aquilo que merece ser descartado.

No livro de João temos a narrativa da ressurreição:

Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni, que quer dizer: Mestre. Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai,

meu Deus e vosso Deus. Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos que vira o Senhor, e que ele lhes dissera isto. (João 20:16-18)

Maria Madalena foi a primeira testemunha da ressurreição, ela viu Jesus ressuscitado. Além de ver a Jesus, ela foi enviada para anunciar as notícias da sua ressurreição aos outros discípulos.

Existe uma passagem paulina na qual o Apóstolo Paulo descreve que o critério chave no qual ele se tornou apóstolo de Cristo, foi justamente vê-lo ressuscitado. “não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?” (1 Cor 9:1). Segundo Chevitarese (2013), em meados do século I, pelo menos nas comunidades paulinas, o principal critério para se tornar um apóstolo era aquele que tinha visto Jesus. Aqueles que tinham o visto, tinham autoridade para falar sobre Jesus e quem não o viu só poderia ouvir.

O próprio Jesus incube Maria Madalena de anunciar que ele tinha ressuscitado. Para a comunidade joanina, o fato de Madalena ser a porta voz de Jesus e testemunha da ressurreição a tornava uma apóstola, assim como os outros discípulos homens que eram reconhecidos como apóstolos (CHEVIARESE, 2013).

Os outros livros do Canon que narram a ressurreição, tentam não chamarem atenção na figura de Madalena como a primeira testemunha, no caso dos Livros de Marcos e Mateus, ela está acompanhada de outras mulheres.

E, no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra da porta, e sentou-se sobre ela. E o seu aspecto era como um relâmpago, e as suas vestes brancas como neve. E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados, e como mortos. Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tendes medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia. Ide pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dentre os mortos. E eis que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito. E, saindo elas pressurosamente do sepulcro, com temor e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos. E, indo elas a dar as novas aos seus discípulos, eis que Jesus lhes sai ao encontro, dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram os seus pés, e o adoraram. Então Jesus disse-lhes:

Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão à Galiléia, e lá me verão. Mateus 28:1-10

O evangelho de Mateus se distancia um pouco da narrativa descrita por João, o evangelho tira o foco de Madalena e a encaixa com outras mulheres. Porém esse evangelho também dá a mesma autoridade apostólica do que o evangelho de João dá a Madalena.

Assim como em Mateus, em Marcos, as mulheres também apenas observavam o sepultamento de Jesus. No dia da ressurreição, elas não contaram a ninguém o que viram, pois temiam. Assim, para a comunidade de Marcos, as mulheres tinham um certo peso negativo. Justificando que o testemunho das mulheres não era válido perante a sociedade, por isso deveriam permanecer caladas. Mas Marcos não nega que Maria Madalena foi a primeira a ver o Cristo e que ela anunciou aos outros discípulos, mas os outros discípulos não acreditavam em suas palavras.

Passado o sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo. E, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro, de manhã cedo, ao nascer do sol. E diziam umas às outras: Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro? E, olhando, viram que já a pedra estava revolvida; e era ela muito grande. E, entrando no sepulcro, viram um jovem assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca; e ficaram espantadas. Ele, porém, disse-lhes: Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram. Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis, como ele vos disse. E, saindo elas apressadamente, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e assombro; e nada diziam a ninguém porque temiam. E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios. E, partindo ela, anunciou-o àqueles que tinham estado com ele, os quais estavam tristes, e chorando. E, ouvindo eles que vivia, e que tinha sido visto por ela, não o creram. E depois manifestou-se de outra forma a dois deles, que iam de caminho para o campo. E, indo estes, anunciaram-no aos outros, mas nem ainda estes creram. Finalmente apareceu aos onze, estando eles assentados juntamente, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração, por não haverem crido nos que o tinham visto já ressuscitado. Marcos 16:1-14

Diferente do livro de Marcos, Mateus apresenta na sua narrativa um terremoto provocado por um anjo, que removeu a pedra do sepulcro. O livro de Marcos expõe uma narrativa um pouco diferente. Quando as mulheres chegam

para fazer os preparativos fúnebres e prestar as últimas homenagens ao corpo do morto, encontram o sepulcro vazio e com a pedra já removida.

E no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro. Correu, pois, e foi a Simão Pedro, e ao outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram. João 20:1,2

No evangelho de João a pedra do sepulcro também já estava removida. Diferente dos outros evangelhos, Maria Madalena estava sozinha sem companhia nenhuma. Assustada, ela foi comunicar Pedro e outro discípulo do que aconteceu. Os discípulos levam em consideração as suas palavras, diferente do evangelho de Marcos, no qual o testemunho das mulheres não tem validade.

Isso nos leva a pensar que na comunidade joanina, esses textos circulavam dentro da comunidade, legitimando o lugar de fala feminino. Pelo menos nesse livro canônico vemos um forte indicio do ministério feminino e uma liderança apostólica.

E no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado, e algumas outras com elas. E acharam a pedra revolvida do sepulcro. E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Lucas 24:1-3

O livro de Lucas também demonstra que Madalena não estava sozinha, ela estava acompanhada de outras mulheres que saíram na madrugada levando especiarias para ungir o corpo de Jesus.

E aconteceu que, estando elas muito perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois homens, com vestes resplandecentes. E, estando elas muito atemorizadas, e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia, Dizendo: Convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite. E lembraram-se das suas palavras. E, voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os demais. E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as outras que com elas estavam, as que diziam estas coisas aos apóstolos E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram. Lucas 24:4-11.

Há também na narrativa lucana a existência de dois anjos, retratados como homens com vestes resplandecentes. São esses anjos que anunciam a ressurreição de Jesus, ele não aparece no sepulcro para as mulheres. As mulheres anunciaram aquilo que os anjos disseram a elas e não o próprio Jesus em outros evangelhos.

Ou seja, na comunidade lucana, as mulheres que foram ao sepulcro, não tinham a legitimidade do apostolado. Elas apenas comunicaram aquilo que os anjos anunciaram, porém, não viram a Jesus e nem receberam a ordem pelos seus lábios.

Alguns escritores como Tertuliano e Hipólito, dois autores dos séculos I e II, não havia nenhuma dificuldade em considerar Maria Madalena como apóstola e discípula, diferente dos Evangelhos bíblicos principalmente o livro de Marcos e Mateus.

Tertuliano reconhece que as mulheres são ajudantes e que pelo fato de não ser permitido que os apóstolos casassem novamente, os apóstolos levariam mulheres para efetuar alguns serviços, para ele, elas acompanhavam Jesus para aprender a reverenciar e a servirem.

Vemos também em um comentário de Hipólito, sobre “Cântico dos Cânticos”, onde ele não tem nenhuma dificuldade e reconhecer o apostolado feminino.

Aquelas que eram apóstolos antes dos Apóstolos, enviadas por Cristo, nos prestaram bom testemunho... O próprio Cristo foi encontrar estas mulheres para que elas se tornassem apostilas de Cristo, e através da obediência, realizaram que a antiga Eva falhou em realizar. De agora em diante, em humilde obediência, elas se fariam conhecidas como perfeitas. Ó nova consolação, Eva é chamada de apóstola. (Sobre Cânticos dos Cânticos XXV, 7-6 apud BOER, Esther 50)

Mesmo Hipólito reconhecendo a apostolicidade das mulheres, não percebemos a menção de uma mesma autoridade dada aos apóstolos. Isso significa que, na visão de Tertuliano e Hipólito, o apostolado feminino deveria se restringir a filantropia, e a principal característica deveria ser a obediência. Através da obediência realizasse “o que a antiga Eva falhou em realizar”. Para eles, a missão de pregar era conferida apenas aos homens.

Sendo assim, Maria Madalena era uma ajudante apenas, ela poderia ser reconhecida como apóstola, mas isso não quer dizer que ela tinha a mesma autoridade que foi atribuída aos discípulos e apóstolos para pregar.

3.5 Pedro X Madalena: cristianismo ortodoxo contra o cristianismo gnóstico.

Através de um estudo profundo das fontes e da bibliografia sobre o tema proposto, percebemos nas documentações um profundo conflito entre as comunidades gnósticas cristã e as comunidades cristãs ortodoxas. Esse conflito aparece nas fontes gnósticas representado pela figura de Pedro, como o cristianismo ortodoxo e Maria Madalena como representante das comunidades gnósticas.

Esses dois personagens estão em conflito, Pedro sempre acusa à Madalena de não ser “digna da vida”.

Simão Pedro disse a ele, “permite que Maria nos deixe, pois, as mulheres não são dignas da vida”. Jesus disse, “eu mesmo devo guiá-la para fazer dela um homem, para que ela também possa se tornar um espírito vivo semelhante a vós homens. Pois, cada mulher que fizer dela mesma um homem, entrará no reino dos céus. (Ev de Tomé)

A expressão “para faze-la dela homem” significa torna-la humana e igual ao homem para que ela atingisse a salvação. A mulher que se tornar igual ao homem essa entrará no “Reino dos Céus”.

Em outro escrito gnóstico, vemos Pedro e Madalena discutindo sobre quem deveria ter o lugar de fala ou não.

Pedro deu um paço à frente e disse a Jesus: “Meu Mestre, não podemos mais aturar essa mulher que não nos dá oportunidade para falar, uma vez que fala o tempo todo”. Madalena disse a Jesus: Meu Mestre, entendo que poso me manifestar a qualquer hora para interpretar o que o Pistis Sophia diz, mas tenho medo de Pedro, porque ele me ameaça e detesta o nosso Gênero. (Pistis Sophia).

Esses escritos gnósticos foram escritos entre o segundo século e o terceiro século, momento no qual o cristianismo está no processo de institucionalização. É um momento no qual os cristãos ortodoxos estão procurando extinguir as outras vertentes cristãs, principalmente gnósticos.

Vários heresiólogos se levantaram para extinguir os ensinamentos de outras comunidades, alegando serem heréticos e perigosos para a “sã doutrina”. Esses escritos refletem o conflito entre essas duas vertentes. Pedro o símbolo do cristianismo ortodoxos aparece massacrando com suas palavras a Madalena gnóstica (GANGE 2007).

As mesmas acusações que saem da boca dos Pais da Igreja são as mesmas acusações feitas por Pedro à Madalena.

Quando disse isso Maria se calou, pois era até nesse ponto que o salvador havia falado com ela. Mas André respondeu e disse aos irmãos, “dizei o que (desejeis) dizer sobre o que ela disse. Eu pelo menos não acredito que o Salvador disse isso. Pois certamente, esses ensinamentos são ideias estranhas”. Pedro respondeu e falou sobre essas mesmas coisas. E as questionou sobre o Salvador: ele realmente falou com uma mulher sem o nosso conhecimento (e) não abertamente conosco? Vamos todos mudar de posição e ouvi-la? Ele preferiu a ela a nós? (Ev de Maria Madalena)

Os ensinamentos dos gnósticos eram estranhos para o cristianismo ortodoxos, por isso eram considerados heresias, pois, na lógica ortodoxa era impossível Jesus ter ministrado esses ensinamentos. Por isso, não eram os ortodoxos que tinham que se adequar aos gnósticos, mas sim os gnósticos se adequarem a doutrina dominante.

Palavras semelhantes pronunciadas por Pedro, são pronunciadas por Ireneu de Lyon, no qual exige obediência aos padres que pertencem à Igreja.

Deve-se obedecer aos padres que pertencem à Igreja, isto é, aqueles que possuem a sucessão desde os apóstolos. Porque ao mesmo tempo que a sucessão apostólica, eles recebem o dom certo da verdade. Deve-se suspeitar de outros que, desviando-se da sucessão primitiva, se reúnem em qualquer lugar que seja. Estes devem ser tidos como hereges ou como hipócritas. (Ireneu de Lyon. *Contre les hérésies* apud GANGE, Françoise 2007 p. 163)

Os fiéis tinham que se submeter a autoridade dos padres, pois foram eles que Cristo escolheu para a sucessão da sua Igreja. Eles possuem o dom da verdade, ou seja, as palavras ditas por eles são a absoluta verdade e não ensinamentos estranhos. Caso alguém não obedeça a essa sucessão divina, deve ser considerado como herege e hipócrita.

O cristianismo patriarcal irá promover várias formas de legitimar as suas doutrinas. Isso inclui a escolha dos livros que serão oficiais como também a

interpolação dos próprios textos canônicos para estarem de acordo com os ensinamentos ortodoxos. Um exemplo muito forte, são as cartas paulinas e as cartas deuteropaulinas, também conhecidas como cartas pastorais.

Segundo William Braga (2015) temos três relatos sobre Paulo. O Paulo que conhecemos através das suas cartas autênticas (1ª e 2ª Coríntios, Romanos, Gálatas, Filipenses, 1ª Tessalonicense, e Filemon). O Paulo do relatos de Lucas em Atos dos Apóstolos e o Paulo das cartas deuteropaulinas, (Efésios, Colossenses, 1ª e 2ª Timóteo, Tito e 2ª Tessalonicense) que foram escritas posteriores as cartas paulinas e assinadas no nome de Paulo.

A distinção entre cartas autênticas e inautênticas de Paulo é pautada segundo alguns especialistas como Elliot (1997), Horsley (2004) e Crossan (2008) nas diferenças de linguagem, estilo literário e quanto a organização das ekklésias. Crossan nos informa que as Pseudoepigrafias gozavam de boa aceitação na antiga tradição judaica. Contudo, tomamos as mesmas como um indicativo de que tais pseudoepígrafes funcionaram como um instrumento de negação da visão Paulina, deslegitimando assim, sua mensagem subversiva para a época, tornando o cristianismo uma religião dócil para as estruturas do Império Romano. (BRAGA WILLIAM, 2015 p. 28)

Isso significa dizer que das onze cartas que são atribuídas ao apóstolo Paulo, apenas sete são incontestáveis (autênticas) e as outras seis cartas são contestáveis.

Essas diferenças envolvem primeiramente o vocabulário e o estilo literário, as onze cartas foram submetidas a análises pois cada autor possui um vocabulário específico assim como o estilo literário. O segundo ponto é que a teologia e doutrinas empregadas nas cartas autênticas contrapõe as cartas deuteropaulinas. E por último, o contexto histórico sobre a epístola. As cartas deuteropaulinas descrevem um contexto que surgiu bem depois após a morte de Paulo (EHRMAN 2008).

Isso nos leva a pensar que as cartas deuteropaulinas foram escritas por cristãos posteriores a Paulo para propagar os seus próprios pontos de vista. Não propagar aquilo que Paulo pregava, mas aquilo que queriam que Paulo pregasse.

Existe também algo a ser analisado nas cartas autênticas. Segundo Ehrman (2008) e Crossan (2008), há indícios que escribas posteriores que copiaram as cartas inseriram textos que não estavam originalmente presentes.

Cristãos posteriores além de escreverem cartas e assinarem no nome de Paulo, fizeram interpolações das cartas autênticas, para legitimar a doutrina “pelos escritos de Paulo”.

Uma das interpolações mais conhecidas é a de Romanos 13: 1

Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as que existem foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Romanos 13:1,2

Sabemos que os cristãos ortodoxos tinham uma enorme dificuldade em subjugar os cristãos gnósticos, pois os gnósticos eram totalmente contra a ideia de hierarquia. Esse conflito do cristianismo ortodoxo ligados às esferas de poder romanas, fizeram com que houvessem essas interpolações. Era necessário legitimar as autoridades como divinas e principalmente fazer com que os cristãos fossem obedientes a elas, caso contrário seriam condenados.

Essa autoridade, não estava apenas restrita as esferas políticas do Império ou então as autoridades eclesiásticas. Mas também a autoridade do homem sobre a mulher. Era necessário manter as mulheres subjugadas, porém havia a necessidade da uma “boa justificativa” as mulheres que desejavam transitar pelas funções eclesiásticas.

O apóstolo Paulo era contra as desigualdades e principalmente subjugar as mulheres para que essas não desempenhassem um papel de evidências dentro das comunidades.

Podemos ver claramente o pensamento de Paulo nesse trecho da carta de Gálatas 3:28: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” Para ele todos “somos um”, iguais. Totalmente diferente da passagem de Romanos 13:1.

Outra interpolação foi feita para afastar as mulheres das lideranças são os versículos de 1ª Cor 14: 24-36:

As mulheres estejam caladas nas igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam submissas como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos; porque é indecoroso para a mulher o falar na igreja. 1 Coríntios 14:34,35

Percebam a necessidade de justificar aos cristãos o lugar da mulher. Não é permitido a mulher falar “porque a lei ordena”. Caso as mulheres queiram

aprender algo, que perguntem aos maridos. Ou seja, essa passagem não só condena a voz feminina dentro da comunidade, como também condena que elas sejam ensinadas, salvo se for um ensino dado pelos seus maridos e em casa.

Além dos escritos gnósticos de Nag Hammagi, existe um livro chamado Atos de Paulo e Tecla que é de extrema importância para se pensar sobre o lugar da mulher no cristianismo gnóstico. Segundo Roberta Alexandrina (2015) as cartas deuteropaulinas foram escritas para combater esse paulinismo no qual se refere o livro de Atos de Paulo e Tecla. A autora destaca que o relacionamento entre as Cartas Pastorais (cartas deuteropaulina) e os Atos de Paulo e Tecla (escritos provavelmente no mesmo contexto histórico do século II d. C) estava ligado no fato do “falso ensino de mestres mentirosos que tinham a intenção de captar mulheres e o aviso contra fábulas”, ou seja, as Cartas Pastorais foram escritas em resposta a alguns ensinamentos contidos no livro de Atos de Paulo e Tecla. (SILVA, 2015 p. 321).

O livro nos conta uma história de uma jovem que ouvindo os ensinamentos de Paulo da sua torre, ficou interessada por aquilo que ele pregava. Tecla estava prometida em casamento e decidiu abandonar o seu noivo e sua família para seguir Paulo. Após abdicar das coisas “terrenas” tecla passa a ensinar sobre Jesus lado a lado de Paulo, assumindo um papel de apóstola (SILVA, 2015 p. 321). Segundo Stroher (2000) citada por Roberta Alexandrina Silva (2015, p 321) as narrativas do missionaríssimo de Tecla, podem até soar estranho, porém as mulheres na Ásia Menor, região onde surgiu essa narrativa, possuíam mais igualdade em relação ao homem do que em outra região do Império.

Essas lideranças femininas provocaram um enorme desconforto para lideranças comuns (masculinas). Desconforto esse, que irá irromper no século II d. C em consequência a posição que as mulheres assumiam dentro das comunidades, sobretudo dentro das comunidades gnósticas (Silva, 2006, p. 308).

Essa narrativa, causou um enorme impacto em toda Ásia Menor, a consequência desse impacto são vestígios da relevância da narrativa.

Imagem 2: Paulo e Tecla do século VI d. C.



Fonte: <https://members.bib-arch.org/sites/default/files/bsbr2103031001.jpg> acesso em 22/05/2018

A imagem 2 datada do século VI, foi encontrada em 1906 em uma caverna em Éfeso, na atual Turquia. Essas imagens são as representações dos textos gnósticos Atos de Paulo e Tecla. Essa imagem, nos dá duas cenas distintas. A primeira, temos Tecla observando as pregações do Apóstolo Paulo todas as noites, sendo seduzida pelos seus ensinamentos. A segunda cena, temos Paulo e Tecla em posições de ensino com os dedos em riste, que indicava um gesto de ensinar. Ambos os personagens estão com o mesmo tamanho o que significa iconograficamente que possuíam a mesma relevância e a mesma autoridade (SILVA 2015).

A imagem de Tecla, porém foi apagada e desfigurada. Primeiramente vemos que a posição das mãos de Tecla e os dedos em riste foram apagados o que significa a negação da mulher no ensino, “deve permanecer calada”. Também percebemos que os olhos de Tecla foram apagados.

Se as duas imagens estivessem sido riscadas e apagadas, poderíamos entender como um antagonismo iconoclasta, baseado na crença de negação ao poder espiritual dos ícones representados, mesmo sem destruir a imagem por completo. Essa imagem apagada representa um conflito teológico. A figura original representa Paulo e Tecla em igualdade e com a mesma autoridade. Já a figura apagada representa a negação da autoridade de Tecla (CROSSAN, REED, 2007 apud SILVA, Roberta 2015, p 322).

Essa imagem se encaixa perfeitamente com a interpolação de 1ª Cor 14, que nega às mulheres um lugar de evidência. O ministério feminino não foi apenas excluído, mas também perseguido.

O fato do cristianismo patriarcal excluir as mulheres das suas reuniões e lideranças eclesiais, fez com que, o gnosticismo atraísse inúmeras mulheres para as suas comunidades.

Outro entre eles que se gaba de corrigir o mestre, chamado Marcos esportíssimo na arte mágica com a qual seduzia muitos homens e não poucas mulheres, atraindo-os a si como gnósticos e perfeito por excelência, e como detentor da província suprema de lugares invisíveis e indescritíveis, é como que verdadeiro precursor do Antecristo. Com este modo de agir e falar seduziu muitas mulheres também na nossa região do Ródamo e elas ficaram marcadas na consciência de tal forma que algumas fizeram penitência pública outras, que não tinham coragem para isso, retirou-se na solidão, desesperando da vida de Deus. Enquanto umas se afastaram completamente, outras hesitaram e provaram o que diz o provérbio, não estando nem dentro nem fora, e ficaram como fruto da semente dos filhos da gnose. (IRINEU DE LIÃO, 1995, I: 13, 17 apud SILVA, Roberta 2015 p. 323)

Essa “sedução” das doutrinas gnósticas se dava pelo fato de uma aceitação feminina dentro da comunidade como também a igualdade entre feminino e masculino, além da negação a autoridade dos maridos sobre as esposas. Isso conseqüentemente, irá atrair mulheres para essas comunidades.

Esses diferentes Regimes de Gênero estavam em intenso conflitos aliados a uma guerra de doutrinas teológicas. Isso conseqüentemente, contribuiu para a construção da imagem de Madalena como prostituta arrependida.

Como vimos, as mulheres que eram dedicadas aos ensinamentos religiosos e aos papéis dentro da comunidade, eram vistas como prostitutas, como mulheres desobedientes as leis patriarcais. A imagem de Madalena no século I e século II estava associada a representação de uma liderança feminina,

um modelo a ser seguido por outras mulheres. O que provavelmente incomodou o cristianismo sob a representação de Pedro. O patriarcalismo, acusou não só Madalena de prostituição, como também, toda e qualquer mulher que ousasse a ensinar ou ter um ministério público na comunidade. Para essa ótica, as mulheres tinham apenas um ministério que era o de ser uma esposa obediente e gerar filhos obedientes. O patriarcalismo, prima pela família como algo constituído por Deus, já o gnosticismo nega a ideia de família. Constituir família, significava prolongar os sofrimentos aqui na terra, por isso era necessário “destruir as obras de mulher”.

Nem precisamos dizer qual versão cristã saiu vitoriosa. Com a institucionalização da Igreja e a oficialização como principal religião do Império, deu força para o cristianismo patriarcal ortodoxo aniquilar de vez as outras formas que o cristianismo apresentou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi proporcionar uma visão diferente a do senso comum sobre o cristianismo e principalmente demonstrar uma participação feminina atuante dentro das comunidades. Ao longo do trabalho, podemos demos levar em considerações alguns pontos primordiais.

O primeiro ponto primordial, é sobre a religião cristã ser um mosaico cultural. Analisamos no primeiro capítulo a discursão sobre o conceito cristianismos, pois sabemos que o mesmo não é movimento religioso singular, mas sim plural que interage com outras culturas.

Essa pluralidade reflete em vários documentos cristãos. Por isso é necessário observar cada um. Cada evangelho que foi escrito é a manifestação cultural e social de uma comunidade. Os evangelhos são diferentes, não são idênticos e nem falam das mesmas narrativas, cada um tem a sua peculiaridade.

Essa diferença entre os documentos cristãos está associada com os ensinamentos das comunidades que construíram esses escritos e outras fontes históricas. Era necessário legitimar os ensinamentos através desses documentos, para que a comunidade seguisse de geração após geração.

Outro ponto para ressaltarmos, é que as comunidades divergiam entre si. A pluralidade de ideias contribuiu para que esses grupos cristãos entrassem em conflitos entre si. Os cristãos ortodoxos perseguiram os cristãos gnósticos por acusarem de heresia.

A institucionalização do cristianismo contribuiu mais ainda para que o cristianismo ortodoxo se consolidasse e conseqüentemente oprimisse as outras manifestações cristãs, como por exemplo os gnósticos, que tinham o pensamento totalmente divergente com o cristianismo “oficial”.

Outro ponto a ser ressaltado, é que cada ambiente social, tinham seus papéis de gênero definidos, que são os Regimes de Gênero. Conseqüentemente, cada comunidade possuía o seu Regime de Gênero, o que contribuiu mais ainda para as divergências entre as comunidades.

É importante frisar, que no cristianismo primitivo houve uma intensa participação feminina dentro dos grupos cristãos, ao longo da pesquisa tentamos demonstrar vários vestígios dessas manifestações femininas.

A institucionalização do cristianismo (ortodoxo), contribuiu para a negação do movimento feminino, marginalizando e estigmatizando o papel que as mulheres exerciam dentro das comunidades. Reduzindo-as a prostituta, pois era dessa maneira que os grandes líderes do cristianismo ortodoxo pensavam sobre mulheres que “eram ousadas para ensinar”.

As representações de Maria Madalena estavam ligadas aos grupos que permitiam a presença das mulheres de forma ativa dentro das comunidades. Os gnósticos tinham Madalena como uma “gnóstica completa”, ela tinha tudo aquilo que a comunidade precisava a seguir, por isso era tão importante representá-la em seus documentos.

Conseqüentemente a imagem de Maria Madalena, foi sendo deturpada para que também esses grupos fossem deslegitimados e perseguidos como heréticos. A consequência dessa conjuntura foi a construção de uma imagem de prostituta arrependida que se consolidou na Idade Média.

Para que o cristianismo patriarcal fosse legitimado, fez-se necessário escolher quais escritos deveriam fazer parte do cânon e quais deveriam ser rejeitados como heresia. Até mesmo os livros que foram escolhidos para fazer parte do cânon, foram interpolados, ou seja, foram modificados.

As cartas paulinas foram modificadas para que houvesse uma aceitação dos fiéis de algumas doutrinas ortodoxas. Além das cartas originais, mas que foram adulteradas em alguns textos, temos as cartas deuteropaulinas, que foram escritas após a morte de Paulo. Uma tentativa de colocar palavras na boca de Paulo, para que os ensinamentos ortodoxos fossem validados pelos fiéis.

Toda essa conjuntura, contribuiu para a construção da imagem de prostituta que temos hoje de Madalena, até mesmo, fomos “ensinados” a ler o novo testamento como se a mesma tivesse sido uma prostituta, confundindo-a com outras mulheres do cânon no Novo Testamento.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO.

A biblioteca de Nag Hammadi, Tradução: Teodoro Lorent 3, ed. – São Paulo: Madras, 2014.

Bíblia de Jerusalém. Português. Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIOGRAFIA

SILVA, Roberta. **A teologia paulina na construção de uma identidade cristã nos primeiros séculos e o problema contido no apócrifo dos Atos de Paulo e Tecla**. In ABRANTES, Elizabeth. VIEIRA, Ana Livia B. ZIERER, Adriana. (org). **História Antiga e Medieval: Sonhos, mitos e heróis: memória e identidade**. São Luís. Ed: UEMA, 2015.

ANDRADE, M.M. **Público, privado e contextos funerários**. In *Phonix*. Rio de Janeiro: LHIA-UFRJ. 10: 229-245, 2004.

BOERHRINGER, Sandra, CUCHET, Violaine Sebillotte. **Hommes et femmes dans l'antiquité grecque et romainele genre: method et documents**. Paris: BROWN. R. E. A Comunidade do discípulo Amado. São Paulo: Paulus, 1999.

BOER, Esther. **Maria Madalena: Apostola, discípula e mulher**. Ed Madras. 1999.

BARROSO. A.L.S. **O Filho da Prostituição: tensões violentas no interior do judaísmo no I século**. Rio de Janeiro UFRJ (Dissertação de Mestrado), 2008.

BARROSO. A.L.S., ALONSO, Ana Carolina Caldeira. **Religiões Comparadas: Produções originais ou interações culturais?** Revista Jesus Histórico, Rio de Janeiro 2009. Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/antigos2.html>

BEARD, M. NORTH, J. PRICE, S. **Religions of Rome**. Cambridge: Cambridge University Press. vol. 1, 1988.

BOARDMAN, J. **Athenian red figure vases: the Classical Period**. New York: Thames & Hudson, 1988.

BONNER, C. **Studies in Magical Amulets, Chiefly Greco-Egyptian**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1950.

BURKE, P.(org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BROWN, R. E. **O Nascimento do Messias**. Comentário das Narrativas da Infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Betrand Brasil.

BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004. Armand Colin Éditeur, 2011.

CARDOSO, C. F. **Sete olhares sobre a Antigüidade**. Brasília: Editora UnB, 1994.

_____. FONTES, V. **Apresentação**. Tempo. Niterói, v. 9, n. 18, 2005

CHEVITARESE, **André Leonardo**. **Jesus no Cinema: um balanço histórico cinematográfico entre 1905 e 1927**. Rio de Janeiro: Klíne Editora, 2013. p. 145-152

CHEVITARESE, **André Leonardo**. **Cristianismos: questões e debates metodológicos**. Rio de Janeiro: Klíne Editora, 2011.

CHEVITARESE, A. L. **O Uso do Modelo Iconográfico de Tipo Universal (Mãe / Filho) pelos Cristãos: Maria, Menino Jesus e a Ilegalidade Física do Filho de Deus**, in: *Estudos de Religião* 26, 81-91, 2004.

_____. CORNELLI. G. SELVATICI. M. **Jesus de Nazaré: Uma outra História.** São Paulo: FAPESP/Annablume, 2006.

_____. CORNELLI. G. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaio acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo antigo.** São Paulo: FAPESP/Annablume, 2007.

CORNELLI, G. **Homens divinos: entre religião e filosofia: para uma história comparada do termo no mundo antigo.** In **Estudos de Religião.** São Bernardo: UMESP, 2003.

CROSSAN. J. D. **O Nascimento do Cristianismo.** O que Aconteceu nos Anos que se seguiram à Execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. **Em Busca de Paulo.** São paulo: Paulinas, 2007

CUCHET, Violaine Sebillotte **O historiador e a memória do passado, o exemplo do mito das amazonas.** In ABRANTES, Elizabeth. VIEIRA, Ana Livia B. ZIERER, Adriana. (org). **História Antiga e Medieval: Sonhos, mitos e heróis: memória e identidade.** São Luís. Ed: UEMA, 2015.

CUMONT, F. **Oriental religions in Roman paganism.** Toronto: General Publishing Company, 1956.

DETIENNE, M. **Comparar o Incomparável.** São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões.** Lisboa: Edição livros do Brasil Lisboa, 2002.

ELPIZEIN, H. T. **Gnosticismo y gnosis del cristianismo primitivo: el conocimiento perfecto de los primeros siglos del cristianismo.** Disponível em: https://www.academia.edu/5242043/GNOSTICISMOS_EN_EL_CRISTIANISMO_ANTIGUO. Acesso em: 22/ 05/2018

EHRMAN, Bart D. **Pedro Paulo e Maria Madalena.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

FEENEY, D. **Religion in Roman Historiography and Epic**. USA, Princeton/Stanford: Working Papers in Classics, 2005.

FELDMAN, Sérgio Alberto. **A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo Templos)**. UCS, 2007. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/810/573. Acesso em: 13/ 05/ 2018.

FIORENZA, Elizabeth Schussler. **En memoria de ella**. Editorial Desclee de Brouwer, 1989.

FIORENZA, E.S. **Mujer y ministério em El cristianismo primitivo**. In **Selecciones de Teologia**. São Paulo: Loyola. Nº 132. Vol 32. Out/dez. 327-337, 1994.

FLUSER, D. **O Judaísmo e as Origens do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

GANGE, Françoise. **Jesus e as mulheres**. Petropólis: Vozes, 2007.

CARROLL, James. **Quem era Maria Madalena**. In: BURSTEIN, Dan. KEIJZER, Arne J. (Orgs) **A verdadeira história de Maria Madalena: os segredos da mulher mais instigante da bíblia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

GUERRA, L. BARROSO, A. **Influência Pagã na Teoria e na Prática**. In: **História Viva**. São Paulo: Duetto Editorial.P. 22-23, 2006.

GIBBON, E. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HORSLEY, R. **Arqueologia, História e Sociedade na Galiléia**. Contexto Social de Jesus e dos Rabis. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. **Sociology and the Jesus Movement**. New York: Crossroad, 1989.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no Tempo de Jesus: pesquisa de história econômica e social no período neotestamentário**. São Paulo: Paulus, 1983.

LESSA, F. S. **O Feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2004.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento I: história, cultura e religião do período helenístico**. São Paulo: Paulus, 2005.

KOCHMANN, Sandra. **O lugar da mulher no judaísmo**. PUC, São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_kochmann.htm. Acesso em: 10/05/2018.

_____. **Introdução ao Novo Testamento II: história, cultura e religião do período helenístico**. São Paulo: Paulus, 2005.

MALINA, E. **O Evangelho Social de Jesus**. O Reino de Deus em Perspectiva Mediterrânea. São Paulo: Paulus, 2004.

MACK, B. L. **O Livro de Q: o Evangelho Perdido**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

MATTINGLY, D. J. (Ed.) **Dialogues in Roman Imperialism**. In: **Journal of Roman Archaeology**, 23. Portsmouth: Oxbow book. p. 51, 1997.

MCGRATH, J.F. **Was Jesus Illegitimate? The evidence of his social interactions**. In: **Journal for the Study Historical Jesus**. London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, Vol. 5.1, p. 81-100, 2007.

MATTINGLY, D. J. (Ed.) **Dialogues in Roman Imperialism**. In: **Journal of Roman Archaeology**, 23. Portsmouth: Oxbow book, 1997.

MÍGUEZ, N. **Cristianismos originários extrapalestinos (35-138 d.C.)**. In: **RIBLA**. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. Nº 28. 85-121, 1998.

MILLER, R. J. **Born Divine: The births of Jesus e other sons of God**. California: Polebridge Press, 2003.

MORO-CAMARGO, Fernanda de. **Arqueologia de Madalena: uma busca histórica da companheira de Jesus**. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Record, 2005.

NASCIMENTO, William Braga. **Reinos de Deus: disputas e percepções de poder nas comunidades cristãs no I século d.C.** – São Luís, 2015. 83 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2015.

NEUSNER, J. CHILTON, B. **The intellectual foundations of Christian and Jewish discourse: The philosophy of religious argument**. London; New York: Routledge, 1997.

OTZEN, B. **O Judaísmo na Antigüidade**. A história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano. São Paulo: Paulinas, 2003.

PANTEL, Pauline Schimite. **Aithra et Pandora: Femmes, Genre et Cité dans la Grèce antique**. Paris: L'Harmattan, 2009.

REICK, I. **The New Testament**. London: C. Black, 1974.

REIMER, I.R. **Cristianismos originários (30-70 d.C.)**. In *RIBLA*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. Nº 22. 45-59, 1995.

_____. **Jesus Cristo e Mitologia**. São Paulo: Novo Século, 2003.

THOMPSON, E. P. **COSTUMES EM COMUM - Estudos sobre a cultura popular tradicional**. Ettore Bottini, 1991

_____. VAINFAS, R. MAUAD, A. M. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

VERGARA, Fábio Cerqueira. **A ICONOGRAFIA DOS VASOS GREGOS ANTIGOS COMO FONTE HISTÓRICA**. UFP, 2017 Disponível em :https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/02/06.-Fabio_Vergara_Cerqueira.pdf
Acesso em 27/04/2018